

A close-up photograph of a man with short dark hair, wearing a dark jacket, sitting in the driver's seat of a car. He is looking off to the side with a serious expression. His right hand, wearing a black tactical glove, is resting on the steering wheel. The background is blurred, showing the interior of the car and a bright light source from the left.

LeYa

Um best-seller de James Sallis

DRIVE

O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO FILME

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Copyright © 2005 by James Sallis
Todos os direitos reservados.
Publicado em acordo com Lennart Sane Agency AB
Tradução © Texto Editores Ltda., 2012
Título original: Drive

Diretor editorial: Pascoal Soto
Editora: Mariana Rolier
Produtora editorial: Sonnini Ruiz
Assistente editorial: Carolina Rodrigues Proença

Preparação de texto: Luiz Carlos Cardoso
Revisão: Vivian Miwa Matsushita, Bete Abreu e Thais Carneiro Sayão
Diagramação: Jordana Chaves
Finalização: Página Escrita

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP-BRASIL)

Ficha catalográfica elaborada por Oficina Miríade, RJ, Brasil.
S168 Sallis, James, 1994-,
Drive / James Sallis; tradução: Amanda Orlando. - São Paulo: Leya,
2012
160 p.
Tradução de: Drive
ISBN 9788580444759
1. Ficção policial americana. 2. Literatura americana.
I. Título.
11-0138 CDD813

Texto Editores Ltda.
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86
01248-010 – Pacaembu – São Paulo - SP
www.leya.com
Drive.

*Para Ed McBain, Donald Westlake e Larry Block
— três grandes escritores americanos.*

Capítulo Um

Não muito depois, enquanto ele se sentava com as costas apoiadas numa das paredes internas de um Motel 6 bem ao norte de Phoenix, observando a poça de sangue crescer em sua direção, o Piloto poderia imaginar que havia cometido um erro terrível. Ainda mais tarde, é claro, não haveria dúvida. Mas, por ora, o Piloto estava, como costumam dizer, preso àquele momento. E o momento incluía a poça de sangue crescendo em sua direção, a pressão da luz do final do amanhecer atravessando a porta e as janelas, os ruídos do tráfego da interestadual, o som de alguém chorando no quarto ao lado.

O sangue vinha de uma mulher, aquela que chamava a si mesma de Blanche e que clamava ser de Nova Orleans, embora tudo a seu respeito, com exceção do sotaque forçado, berrasse a Costa Leste – Bensonhurst, talvez, ou algum outro lugar nos confins do Brooklyn. Os ombros de Blanche repousavam no batente da porta do banheiro. Não restara muito de sua cabeça: ele sabia disso.

O quarto deles era o 212, no segundo andar, as fundações e o piso tão próximos do encanamento que a poça de sangue avançava devagar, traçando o contorno do corpo dela como ele mesmo fizera, movendo-se em sua direção como um dedo acusador. O braço dele doía como o inferno. Essa era outra coisa que ele sabia: logo doeria ainda mais.

O Piloto percebeu que estava prendendo a respiração. Procurava o som de sirenes, de pessoas se reunindo nas escadas ou lá embaixo, no estacionamento, em busca de pés que arrombassem a porta.

Mais uma vez os olhos do Piloto varreram o quarto. Próximo à porta dianteira semiaberta repousava um corpo, um homem um tanto magro, alto, provavelmente albino. Por mais estranho que pudesse parecer, não havia muito sangue. Talvez os fluidos

estivessem apenas esperando. Talvez, quando o erguessem, o virassem, começariam a jorrar todos de uma vez. Por ora, havia apenas o lampejo desbotado do neon e dos faróis na pele pálida.

O segundo corpo estava no banheiro, apoiado com segurança na janela que dava para o lado de fora. Foi lá que o Piloto o encontrou, incapaz de se mover para a frente ou para trás. Era o que ostentava uma arma. Sangue vindo do pescoço se amontoara na pia ali embaixo, um mingau pastoso. O Piloto usava uma lâmina reta quando se barbeava. Pertencera ao seu pai. Sempre que se mudava para um novo quarto, antes de qualquer outra coisa, ele arrumava seus pertences. A lâmina estivera lá, próxima à pia, alinhada com a escova de dentes e o pente.

Só os dois, até agora. Do primeiro, o cara encostado na janela, ele tirara a arma que derrubou o segundo. Era uma Remington 870, cano cortado no comprimento de uma revista, uns 38 centímetros, talvez. Ele sabia disso graças a uma imitação barata de *Mad Max* em que havia trabalhado. O Piloto prestou atenção.

Ele então esperava. Ouvia. Em busca do som de passos, sirenes, portas batendo.

O que ouviu foi o som de gotas que pingavam da torneira da banheira. Aquela mulher chorando no quarto ao lado. E, então, algo mais. Algo que arranhava, raspava...

Algum tempo passou antes que ele percebesse que se tratava de seu próprio braço balançando involuntariamente, os cotovelos batendo no chão, os dedos arranhando e tamborilando quando a mão se contraiu.

E então o som parou. Absolutamente nenhuma sensação lhe restara no braço, nenhum movimento. O membro ficava ali pendurado, à parte do resto do corpo, desconectado, como um sapato abandonado. O Piloto gostaria que eles se movessem. Nada acontecia.

Preocupe-se com isso depois.

Ele olhou novamente para a porta. Talvez seja isso, o Piloto pensou. Talvez ninguém mais esteja vindo, talvez tenha acabado. Talvez, por ora, três corpos sejam suficientes.

Capítulo Dois

O Piloto não era muito de ler. Também não era muito de assistir a filmes. Dava para perceber isso de cara. Ele gostava de *Matador de aluguel*, mas já fazia muito tempo. Nunca ia ver os filmes para os quais dirigia, mas, às vezes, depois de sair para beber com roteiristas, que tendiam a ser os outros caras no set sem muito o que fazer na maior parte do dia, ele começou a ler os livros nos quais os filmes eram baseados. Não lhe pergunte por quê.

Este era um daqueles romances irlandeses em que as pessoas tinham discussões sem fim com os pais, andavam demais de bicicleta por aí e ocasionalmente explodiam alguma coisa. O autor espreitava da fotografia na orelha do livro, entortando os olhos como se fosse alguma forma de vida recém-envolta pela luz do sol. O Piloto encontrou-o num sebo em Pico, imaginando se era o suéter da senhora dona da loja ou os livros que cheiravam a mofo. Ou talvez fosse a própria velha. Gente idosa às vezes propaga esse cheiro. Ele pagou os 10 dólares e deu o fora.

Não que pudesse dizer se o filme tinha alguma coisa a ver com o livro.

O Piloto teria algumas sequências de assassinato na produção, uma vez que o herói da história se contrabandeou da Irlanda para o novo mundo (tanto que o título do livro era *O novo mundo de Sean*), levando consigo cem anos de ódio e sofrimento. No livro, Sean foi para Boston. O pessoal do filme mudou o destino para Los Angeles. Que inferno! Ruas melhores. E não é preciso se preocupar com o clima.

Dando uns goles em sua orchata para viagem, o Piloto olhou para a TV, onde um Jim Rockford de fala acelerada soltava sua verborragia de sempre. Ele olhou novamente para baixo, leu mais algumas linhas, até que deu com a palavra *desusadamente*. Que

porra de palavra era essa? Fechou o livro e o colocou na mesa de cabeceira, onde se juntou a outros de Richard Stark, George Pelecanos, John Shannon e Gary Phillips, todos comprados na mesma loja em Pico onde, hora após hora, senhoras de todas as idades chegavam com os braços cheios de romances e livros de mistério que eram trocados na proporção de dois por um.

Desusadamente.

No Denny's, a dois blocos dali, o Piloto largou algumas moedas no telefone público e discou o número de Manny Gilden, observando as pessoas passarem de um lado para o outro no restaurante. Aquele era um lugar popular, várias pessoas, várias famílias. Se eles se sentassem perto de você, você se sentiria inclinado a pular para um ou dois reservados mais distantes. Uma vizinhança onde os slogans nas camisetas e os cartões de datas comemorativas eram na maioria escritos em espanhol.

Ele devia ter tomado café da manhã mais tarde, era isso o que devia ter feito.

Ele e Manny se conheceram no set de um filme de ficção científica no qual, numa das várias Américas pós-apocalípticas, ele dirigiu um El Dorado que recebeu outra carcaça para que se parecesse com a um tanque. Que inferno. Em primeiro lugar, de acordo com o seu conhecimento, havia uma grande diferença entre um El Dorado e um tanque. Mas, para eles, era praticamente a mesma coisa.

Manny era um dos roteiristas mais requisitados de Hollywood. Diziam que ele havia torrado milhões. Talvez tivesse feito isso mesmo, quem sabe? Porém Manny ainda vivia num bangalô caindo aos pedaços nos arredores de Santa Monica, usava camisetas e calças de algodão barato com bainhas desgastadas, sobre as quais, em ocasiões formais, como numa das mais adoradas celebrações de Hollywood, um ancestral casaco esportivo de veludo todo desfiado poderia surgir. E ele era das ruas. Nenhum *background* para ser acumulado, nenhum nível. Em certa ocasião, quando eles estavam tomando um drinque rápido, o agente do Piloto lhe contou que Hollywood era composta quase inteiramente por alunos medianos das universidades da Ivy League. Manny, que se metera em todo tipo de projeto, desde uma adaptação complexa de Henry James a

scripts feitos em série, escritos de maneira rápida e automática para filmes do gênero de *Billy Tank*, meio que derrubava essa teoria.

A secretária eletrônica atendeu, como sempre.

Você sabe quem é, ou então não estaria ligando. Com alguma sorte, estou trabalhando. Se não estiver – e você tiver algum dinheiro para me pagar ou algum contrato –, deixe seu número. Se não for isso, não me importune e dê o fora.

– Manny – o Piloto chamou. – Você está aí?

– É, estou sim... Espere um minuto... Estou terminando uma coisa.

– Você está sempre terminando alguma coisa.

– Só me deixe salvar... Pronto. Já foi. É algo radicalmente novo, segundo o que a produtora me disse. Pense em Virginia Woolf com cadáveres e perseguições de carro, é o que ela diz.

– E o que você falou?

– Depois de ter uma tremedeira? O que eu sempre digo. Tratar, reescrever ou rodar o script? Para quando você precisa? Quanto será o pagamento? Merda. Espere um minuto.

– Claro.

– ... Então, *isso é* um sinal dos tempos. Caras que vendem comida natural de porta em porta. Como quando eles batiam na nossa porta com metade de uma vaca cortada e congelada, tentando te convencer de que esse era um bom negócio. Quantos bifés, quantas costelas, que castigo!

– A América é feita de bons negócios. Uma mulher apareceu aqui na semana passada com fitas de músicas de baleias.

– Como ela era?

– No final da casa dos trinta. Jeans com o cós cortado, camiseta de uniforme azul desbotada. Latina. Era, tipo, sete da manhã.

– Acho que ela apareceu por aqui também. Não atendi a porta, mas olhei pelo olho mágico. Dá uma boa história... se eu ainda escrevesse histórias. Do que você está precisando?

– Desusadamente.

– Lendo de novo, não é? Pode ser perigoso... Significa perder o hábito. Quando algo é descontinuado, cai em desuso.

– Obrigado, cara.

– Só isso?

– É, mas a gente devia tomar um drinque um dia desses.

– Claro. Eu tenho *essa* coisa que já está quase terminada, depois precisarei dar uma garibada no *remake* de um filme argentino, um dia ou dois organizando os diálogos para uma porcaria de filme de arte polonês. Você teria tempo na próxima quinta?

– Quinta está bom.

– No Gustavo's? Por volta das seis? Vou levar uma garrafa de alguma coisa boa.

Essa era a única concessão que Manny fazia ao sucesso: ele amava bons vinhos. Poderia aparecer com uma garrafa de Merlot chileno, uma mistura de Merlot e Shiraz australiana. Guardava as garrafas num armário pelo qual pagara apenas dez dólares, seis anos antes, no brechó mais próximo de sua casa e então derramava aquelas maravilhas em taças.

Até mesmo, enquanto pensava na ocasião, o Piloto podia sentir o gosto da carne de porco cozida sem pressa e do aipim do Gustavo's. Isso fez com que sentisse fome. Também fez com que se recordasse do slogan de outro restaurante muito mais sofisticado de Los Angeles: "Nós temperamos nosso alho com comida". As duas dezenas de cadeiras e mais ou menos a metade desse número de mesas do Gustavo's deviam custar juntas uns 100 dólares, latas de carne e queijo ficavam à mostra e já fazia muito tempo que as paredes não eram limpas. Mas, sim, aquele podia muito bem ser também o slogan deles. Nós temperamos nosso alho com comida.

No Benito's, naquele mesmo quarteirão, ele pediu um burrito com machaca, sobre os quais fez uma pilha com fatias de tomate e pimentas jalapenas do balcão de condimentos. Algo com sabor. A *jukebox* berrava suas músicas básicas dos colegas hispânicos, as guitarras e o *bajo sexto* diziam como tudo sempre havia sido, o acordeão abrindo e se fechando como as cavidades de um coração.

Capítulo Três

Até quando tinha doze anos, o Piloto era pequeno para a idade, atributo do qual o pai sempre fazia uso. O garoto podia passar com facilidade por pequenas aberturas, janelas de banheiro, passagens para animais de estimação e outras coisas do tipo, fazendo com que fosse um importante colaborador nos negócios do pai, que, por acaso, tinham a ver com roubo. De repente ele cresceu de uma vez só, disparando de um metro para mais de um e oitenta praticamente do dia para a noite, ao que parecia. Desde então, o Piloto havia se tornado um estranho para o seu corpo, sentindo-se desconfortável nele. Quando andava, os braços esbarravam no tronco e ele cambaleava. Quando tentava correr, quase sempre tropeçava e caía. A única coisa que conseguia fazer, entretanto, era dirigir. E ele dirigia como um filho da puta.

Depois que o garoto cresceu, o pai tinha pouca utilidade para ele. E já fazia muito mais tempo que o pai precisava lidar com a pouca utilidade da mãe. Por isso o Piloto não ficou surpreso quando, certa noite durante o jantar, ela foi para cima do velho com uma faca de açougueiro e outra de pão, uma em cada punho como um ninja com um avental vermelho quadriculado. Ela arrancou-lhe uma das orelhas e abriu uma boca imensa e vermelha em sua garganta antes que ele tivesse tempo de colocar a caneca de café sobre a mesa. O Piloto assistiu e então continuou comendo seu sanduíche: carne processada e geleia de maçã verde. Essa era a extensão das habilidades culinárias de sua mãe.

Ele sempre se maravilhava com a força do ataque daquela mulher dócil e quieta – como se por toda a sua vida ela a tivesse reunido para aquela única e repentina explosão de ação. Depois daquilo, ela não prestou mais para muita coisa. O Piloto fez o que pôde. Porém, com o tempo, ela caiu num estado que a impedia de se levantar de

uma poltrona exageradamente estufada e coberta por uma manta incrustada de sujeira. O Piloto foi mandado para pais adotivos, uns tais de sr. e sra. Smith de Tucson, que não pareciam ligar a mínima para ele, demonstrando até certa surpresa todas as vezes que ele atravessava a porta ou emergia do minúsculo quarto no sótão onde vivia como uma andorinha.

Alguns dias tímidos antes de seu aniversário de dezesseis anos, o Piloto desceu as escadas do quarto no sótão com todos os seus pertences numa mochila e a chave extra do Ford Galaxy que ele pescou de uma das gavetas da cozinha. O sr. Smith estava no trabalho, a sra. Smith estava fora, lecionando na Escola Bíblica de Férias onde, dois anos atrás, antes de parar de frequentar as aulas, o Piloto constantemente ganhava prêmios por memorizar a maior quantidade de trechos da escritura. O verão estava na metade. O quarto dele estava insuportavelmente quente e lá embaixo também não estava muito melhor. Gotas de suor caíam sobre o recado que ele escrevia.

Desculpe pelo carro, mas eu precisava de rodas. Não peguei mais nada. Obrigado por me abrigarem, por tudo que fizeram. De verdade.

Jogando a mochila no banco do carona, ele bateu em retirada pela garagem, acelerou até a placa de "pare" no fim da rua e deu início a uma dura jornada até a Califórnia.

Capítulo Quatro

Eles se encontraram num bar barato entre o Sunset e o Hollywood, a leste de Highland. Estudantes uniformizadas da escola católica esperavam por seus ônibus em frente a lojas de rendas, couro e lingerie, e sapatarias repletas de sapatos de salto agulha quinze ou mais altos. O Piloto reconheceu o cara logo que ele atravessou a porta. Calça cáqui apertada, camiseta preta, casaco esportivo. Relógio de pulso de ouro *de rigueur*. Emaranhados de anéis nos dedos e numa orelha. Um jazz suave saía das fitas da casa, um trio de pianos, provavelmente um quarteto, algo ritmadamente escorregadio, como uma enguia, que talvez nunca mais saia de sua cabeça.

O Novato pegou um Johnny Walker Black, puro. O Piloto continuou com o que estava bebendo. Os dois foram para uma mesa próxima, ao fundo.

– Peguei o seu nome com o Revell Hicks.

O Piloto assentiu.

– Bom homem.

– Está ficando cada vez mais difícil contornar os amadores, entende o que quero dizer? Todo mundo acha que é mau, todo mundo acha que consegue preparar o melhor molho de espaguete, todo mundo acha que é bom piloto.

– Se você trabalhou com Revell, então posso imaginar que é um profissional.

– Acho o mesmo em relação a você. – O Novato virou o uísque. – O lance é que ouvi dizer que você é o melhor.

– Eu sou.

– Outra coisa que ouvi é que é difícil trabalhar com você.

– Não se nos entendermos.

– E o que significa se entender? Esse é o meu trabalho. Sou supervisor de apostas de um cassino. Eu administro a equipe, controlo as apostas. Você pode se juntar à minha equipe ou nada feito.

– Então nada feito.

– Justo. Sua ligação...

– Outra oportunidade incrível descendo pelo ralo.

– Deixe-me pelo menos te pagar outra bebida.

Ele foi até o bar para pegar outra rodada.

– Mesmo assim, não consigo deixar de pensar... – disse ele colocando na mesa uma cerveja gelada e outra dose. – Você poderia me dar uma luz?

– Eu dirijo. Isso é *tudo* que faço. Não fico sentado enquanto você planeja a coisa ou a prepara. Você me diz onde começamos, em que direção devemos ir, para onde devemos seguir depois, em que horário. Não me meto, não conheço ninguém, não ando armado. Eu dirijo.

– Atitudes como essa fazem com que você provavelmente recuse ofertas mais violentas.

– Eu recuso mais trabalhos do que aceito.

– Essa é boa.

– Sempre é.

– Não desse jeito.

O Piloto deu de ombros.

Uma daquelas comunidades ricas ao norte de Phoenix, o Novato explicou, uma viagem de sete horas, quilômetro após quilômetro de casas de meio milhão de dólares que se proliferavam como uma vila de coelhos, amontoando-se entre os cactos do deserto. Após escrever algo num pedaço de papel, ele o pescou da mesa, prendendo-o entre dois dedos. O Piloto se lembrava de vendedores de carro que faziam o mesmo. As pessoas eram tão estúpidas! Que ser humano que ainda mantivesse qualquer resquício de orgulho, qualquer migalha de amor-próprio, prosseguiria com um papo daqueles? Que tipo de idiota iria, para início de conversa, propor um negócio daqueles?

– Você está de brincadeira, não está? – indagou o Piloto.

– Se você não quer participar, não quer levar uma parte dos lucros, então está certo. O pagamento pelo serviço. Vamos simplificar as coisas.

O Piloto virou o uísque e colocou a cerveja diante de si. Dance conforme a música.

– Desculpe por fazer com que você tenha perdido seu tempo.

– Ajuda se eu acrescentar um zero a esse número?

– Acrescente três.

– Ninguém é assim tão bom.

– Como você mesmo disse, há um monte de outros pilotos por aí. Escolha um deles.

– Acho que já escolhi o meu. – Ele acenou com a cabeça para que o Piloto continuasse sentado, ajeitando a cerveja diante dele. – Estou apenas te zoando, cara, testando você. – Ele deu um peteleco no pequeno aro em sua orelha direita. Mais tarde, o Piloto percebeu que aquilo era um sinal.

– São quatro na equipe. Vamos dividir o lucro em cinco partes. Duas delas ficam comigo e cada um de vocês fica com uma parte. Está bom para você?

– Posso conviver com isso.

– Então temos um trato.

– Temos um trato.

– Bom. Está a fim de outro trago?

– Por que não?

Foi justo nesse momento que o sax-alto pulou de um tom baixo para um longo e lento trinado.

Capítulo Cinco

Ao sair do Benito's, o Piloto entrou num mundo transformado. Como a maioria das cidades, Los Angeles se tornava uma besta diferente à noite. Os últimos resquícios de cor-de-rosa e laranja pairavam baixo no horizonte, dissolvendo-se, desbotando, como se o sol abrisse mão de seu território e as luzes da cidade, centenas de milhares de substitutos impacientes, entrassem em cena. Três carecas com boné de beisebol rodearam o carro dele. Não deveria parecer grande coisa para eles. Um Ford da década de 1980 que não tinha absolutamente nada de especial. Sem arrombar o capô, eles não teriam como saber o que havia sido feito com o carro. Mas lá estavam os caras.

O Piloto parou em frente à porta e ficou ali, observando.

– Carro maneiro, cara – disse um dos delinquentes juvenis, escorregando do capô onde havia se sentado. Olhou para os parceiros. Todos eles riram.

Que maravilha!

O Piloto tinha as chaves amontoadas na mão, com uma dessas escapando entre o dedo anular e o médio. Andou diretamente para a frente e deu um soco na traqueia do líder do grupo, sentindo a chave rasgar as camadas de carne. Olhou para baixo enquanto o rapaz agarrava o pescoço tentando respirar.

Viu pelo espelho retrovisor que os colegas do delinquente juvenil o cercavam, batendo palmas e discutindo, tentando decidir que diabos fazer. As coisas não deveriam terminar daquele jeito.

Talvez ele devesse dar meia-volta. Retornar e lhes dizer que a vida é assim, uma longa série de acontecimentos que nunca ocorrem da maneira que esperamos.

Para o inferno! Um dia eles descobririam isso. Ou não. Algumas pessoas nunca percebem.

O conceito de lar é obviamente relativo; entretanto, foi para lá que ele se dirigiu. O Piloto sempre se mudava após alguns meses. Quanto a isso, as coisas haviam mudado bastante desde a época em que ele morava no quarto do sótão na casa do sr. e da sra. Smith. Ele existia a um passo ou dois do mundo normal, na maior parte das vezes passava despercebido, uma sombra, invisível. O que quer que possuísse, podia carregar nas costas ou simplesmente fugir daquilo. O anonimato era o que ele mais amava na cidade, fazer parte de tudo aquilo e ao mesmo tempo estar à margem. Preferia velhos conjuntos residenciais cujos estacionamentos tinham a pavimentação rachada e repleta de manchas de óleo. Onde ele quase sentia vontade de reclamar se algum dos vizinhos não ligasse o rádio num volume ensurdecador. Onde os inquilinos frequentemente faziam suas mudanças no meio da noite e ninguém nunca mais ouvia falar deles. Nem mesmo os policiais gostavam de ir àqueles lugares.

Naquela época, o apartamento de Piloto ficava no segundo andar. Visto de frente, a escada parecia ser a única maneira de subir e descer no prédio. Mas os fundos se abriam numa galeria geral, com varandas que acompanhavam todo o comprimento de cada andar, com escadas a cada três apartamentos. Um vestíbulo claustrofóbico logo do outro lado da porta dava para a sala de estar à direita, o banheiro à esquerda e a cozinha atrás da sala, enfiada como uma cabeça de passarinho debaixo da asa. Com certo cuidado, era possível armazenar uma cafeteira e duas ou três panelas lá dentro, talvez até metade de um conjunto de jantar e algumas canecas, e ainda ter espaço para se mexer.

Após colocar uma panela com água para ferver, o Piloto deu alguns passos para trás e olhou para as janelas vazias à sua frente. Será que alguém morava ali? De alguma forma, o apartamento parecia habitado, apesar de o Piloto ainda não ter visto nenhum movimento, nenhum sinal de vida. Uma família com cinco membros vivia no apartamento de baixo. Aparentemente, a qualquer momento do dia ou da noite em que ele olhava para o apartamento, dois ou mais deles estavam sentados diante da TV. Um homem solteiro residia na unidade à direita, um dos estúdios. O homem

chegava em casa todos os dias às 17h30 carregando uma embalagem com seis cervejas e o jantar para viagem numa sacola branca. Sentava, encarando a parede, e tomava uma cerveja, em intervalos de meia hora cada uma. Na terceira cerveja, pegava o hambúrguer com as mãos e dava mordidas ruidosas. Então bebia o restante das cervejas e ia dormir quando as garrafas ficavam vazias.

Por uma semana ou duas logo depois que o Piloto se mudou, uma mulher de idade indeterminada vivia no apartamento à esquerda. De manhã, após o banho, ela sentava à mesa da cozinha para passar creme nas pernas. À noite, mais uma vez nua, ou quase, ela se sentava e passava horas falando ao celular. Certa vez, o Piloto a viu atirar o telefone com toda a força do outro lado da sala. Ela então foi à janela, os seios achataram-se no vidro. Tinha lágrimas nos olhos – ou será que ele havia imaginado isso? Ele nunca mais a viu depois daquela noite.

Retornando à cozinha, o Piloto derramou a água fervente num filtro com pó de café.

Alguém bateu à porta?

Isso absolutamente *não* acontecia. Pessoas que viviam em lugares como Palm Shadows raramente se misturavam e tinham bons motivos para não esperar por visitas.

– Cheira bem – ela disse quando ele se aproximou da porta. Tinha uns trinta e poucos anos. O jeans dava a impressão de que pequenas explosões tinham ocorrido por toda a sua extensão, pneus brancos escapavam para fora. Uma camiseta grande demais, preta, com uma inscrição havia muito desbotada, apenas letras aleatórias, um F, um A, algumas metades de consoantes permaneciam. Quinze centímetros de cabelo loiro com dois centímetros de raiz preta.

– Acabei de me mudar para este andar.

Uma longa mão estreita, que curiosamente se assemelhava a um pé, apareceu diante do Piloto. Ele a pegou.

– Trudy.

Ele não perguntou o que uma branca azeda como ela estava fazendo ali. Ele não fazia a menor ideia de onde vinha aquele sotaque. Alabama, talvez?

– Ouvi o seu rádio, foi assim que soube que você estava em casa. Ia fazer um pão de milho e já estava com tudo separado quando me dei conta de que não tinha nenhum ovo em casa, nem unzinho. Será que por acaso...

– Desculpe. Você pode ir à mercearia do coreano, fica a meio quarteirão daqui.

– Obrigada... Será que eu posso entrar?

O Piloto deu um passo para o lado.

– Gosto de conhecer meus vizinhos.

– Então você provavelmente está no lugar errado.

– Não seria a primeira vez. Tenho um histórico de escolhas ruins. Um talento evidente para essas coisas.

– Você aceita algo? Acho que devem ter sobrado umas cervejas na geladeira... que você provavelmente chamaria de refrigerador.

– Por que eu deveria chamá-la assim?

– Eu achei...

– Na verdade, um pouco desse café do qual eu senti o cheiro estaria ótimo.

O Piloto foi até a cozinha, encheu duas canecas com café e as levou para a sala.

– Lugar estranho para se morar – ela comentou.

– Los Angeles?

– Aqui, eu quero dizer.

– É, acho que sim.

– O cara do apartamento embaixo do meu sempre fica espiando pela porta quando eu entro. No apartamento ao lado do meu, a TV fica ligada 24 horas por dia. Um canal em espanhol. Salsa, novelas onde metade dos personagens são assassinados e o resto não para de gritar, seriados de comédia horrorosos com homens gordos vestindo ternos cor-de-rosa.

– Vejo que você está se integrando bem.

Ela riu. Eles ficaram sentados, quietos, bebendo o café, conversando sobre nada em particular. O Piloto não tinha desenvolvido a capacidade de jogar conversa fora, nunca conseguira ver qual era o sentido disso. Nem havia desenvolvido muita sensibilidade pelos sentimentos dos outros. Mas, então, ele se

flagrou falando abertamente de seus pais e sentindo, ao lado daquela companhia momentânea, alguma dor profunda que poderia nunca ser abrandada.

– Obrigada pelo café – ela disse depois de um tempo. – E obrigada mais ainda pelo papo. Mas estou me cansando depressa.

– O vigor é a primeira coisa a ir embora.

Eles andaram juntos até a porta. Aquela mão longa e estreita surgiu novamente e ele a tomou.

– Moro no 2-G. Trabalho à noite, por isso fico o dia inteiro em casa. Talvez você possa aparecer por lá um dia desses.

Ela esperou e, como ele não disse nada, virou-se e saiu andando pelo corredor. Os quadris e o traseiro se destacavam maravilhosamente nos jeans dela. A mulher se tornava ainda menor a distância. Carregando a dor e a tristeza novamente com ela para o covil onde esses sentimentos e a mulher viviam.

Capítulo Seis

No segundo trabalho em que ele dirigiu, tudo que poderia dar errado deu errado. Os caras se passaram por profissionais. Entretanto, não era nada disso.

O alvo era uma loja de penhores nos arredores de Santa Monica, próximo do aeroporto, ao lado de uns edifícios que lembravam velhos cartões perfurados de computador. A loja não parecia grande coisa vista do lado de fora, os mesmos acordeões, bicicletas, rádios, joias e o lixo de sempre. Todas as coisas boas entravam e saíam pelas portas dos fundos. O dinheiro da fêria arrecadada pelo material que atravessava aquela porta estava escondido num cofre tão velho que até Doc Holliday poderia ter guardado suas ferramentas de dentista lá dentro.

Eles não precisavam de acordeões nem de joias. Porém o dinheiro no cofre eram outros quinhentos.

Ele estava dirigindo um Ford Galaxie. Na estrada, aquele carro era tão poderoso que desafiava o bom senso e ele estava sentado no banco do motorista. Num beco ali ao lado ele viu os contratantes, dois dos quais desconfiava que eram irmãos, indo na direção da loja de penhores. Minutos depois, ouviu os tiros, que se assemelhavam a chicotadas. *Um. Dois. Três.* Então ouviu o som de um canhão disparado e uma janela quebrada em algum outro lugar. Quando sentiu que uma bala atingiu o carro atrás dele, o Piloto deu o fora, cantando os pneus sem nem ao menos se virar para ver o que estava acontecendo. Meia dúzia de blocos depois, os tiros surgiram, dois carros a princípio e logo outros três, mas esses não tinham muita chance contra o Galaxie ou a rota que ele mapeara – isso sem mencionar suas habilidades na direção – e ele logo desviou deles. Quando tudo terminou, o Piloto viu que fugira carregando apenas dois dos três contratantes.

O puto apontou uma arma pra gente, dá pra acreditar? A porra de uma arma.

Um dos supostos irmãos foi deixado para trás, morto na hora com um tiro ou depois de estrebuchar no chão da loja de penhores.

Eles também deixaram a porra do dinheiro para trás.

Capítulo Sete

Ele não deveria receber nenhum dinheiro. Ele não deveria se meter em nada daquilo. O que deveria fazer era voltar a trabalhar fazendo oito-duplos e contornos perigosos. Jimmie, seu agente, provavelmente tinha uma pilha de ligações para ele. Isso sem mencionar a gravação na qual supostamente deveria estar trabalhando. As sequências não faziam muito sentido para ele, mas, de qualquer forma, isso raramente acontecia. Ele nunca lia os scripts; como um músico contratado, trabalhava apenas em cima das partituras. Suspeitava que as sequências não fariam um sentido maior para os espectadores se eles alguma vez parassem de pensar a respeito das tramas. Mas eles tinham inspiração de sobra. Enquanto isso, tudo o que ele precisava fazer era aparecer, ficar em sua marca, fazer o truque – “entregar os bens”, como Jimmie dizia. O que sempre fazia. E como.

Aquele cara italiano com a testa cheia de rugas e protuberâncias estrelava a cena. O Piloto não ia muito ao cinema e nunca conseguia se lembrar do nome dele, mas já havia trabalhado com o cara algumas vezes. Ele sempre trazia sua própria cafeteira, virando *espressos* o dia inteiro como se fossem pastilhas de garganta. Às vezes, a mãe dele aparecia e era escoltada como se fosse uma rainha.

É isso que ele *supostamente* deveria estar fazendo.

Mas lá estava ele.

O encontro fora marcado para as nove da manhã, logo depois que abrisse. Agora parecia que já fazia anos. Quatro na equipe. O cozinheiro – o Novato – tinha sido quem os reuniu, arquitetou o plano e seria o chefe. Músculos frescos de Houston conhecidos pelo nome de Dave Montanha. Supostamente serviria nas Forças Especiais na Guerra do Golfo. E Blanche, a garota. Ele dirigiria, é

claro. Eles deram o fora de Los Angeles à meia-noite. O plano era bem objetivo: Blanche armaria o circo e atrairia a atenção das pessoas enquanto o Cozinheiro e o Montanha entrariam em cena.

O Piloto saiu três dias antes para arranjar um carro. Ele sempre usava seu próprio carro. Os automóveis não eram roubados. Esse era o primeiro erro que tanto os profissionais quanto os amadores cometiam. Em vez disso, ele os comprava de pequenas lojas de carros usados. Era preciso procurar por algo que não chamasse a atenção, que se perdesse na paisagem. Entretanto, também era preciso que o veículo fizesse com que os outros comessem poeira caso fosse necessário. Ele próprio tinha preferência por velhos Buicks de porte médio, em algum tom de marrom ou cinza, embora não fosse limitado. Dessa vez ele encontrou um Dodge fabricado havia dez anos. Aquele carro podia bater num tanque de guerra sem sofrer nenhum dano. Se jogassem uma bigorna sobre o chassi, ela quicaria. Quando ligou o motor, era como se mel limpasse a garganta do Dodge, deixando-o pronto para falar.

– Você tem um banco de trás para ele? – o Piloto perguntou ao vendedor que o acompanhara no *test drive*. Não era preciso pressionar o carro, mas apenas deixá-lo solto, ver para onde ele iria. Observe e sinta como ele dobra as esquinas, como seu eixo continua ressoando quando você acelera, freia, realiza ultrapassagens. Mais que tudo, escute. A primeira coisa que ele fez foi desligar o rádio. E, então, teve de pedir que o vendedor calasse a boca. Havia muitas sacanagens na transmissão para o seu gosto. A embreagem, por sua vez, precisava de mais algumas. E o Dodge pendia para a direita. Porém era um carro tão perfeito quanto ele tinha o direito de esperar. De volta ao estacionamento da loja, ele rastejou para baixo do veículo para se certificar de que a lataria, os eixos e os parafusos estavam em boas condições. E então perguntou pelo banco de trás.

– Posso arranjar um para você.

Pagou em dinheiro e dirigiu até uma das várias oficinas mecânicas que costumava utilizar. Eles lhe forneciam as ferramentas, o combustível e o lubrificante, novos cintos de segurança, mangueiras e peças de reposição. Ele então escondia o carro em algum lugar até que precisasse pegá-lo para executar o trabalho.

No dia seguinte, tinha um compromisso às seis da manhã, o que em hollywoodês podia ser traduzido como apareça às oito. O cara que trabalhava na segunda unidade do filme o contratou para uma tomada rápida (e por que ele não toparia? Era por cenas assim que recebia cachê), mas o Piloto insistiu que houvesse um ensaio. O buggy que lhe deram era um Chevy 58 branco e verde-água. Parecia uma cereja, mas, quando dirigido, o carro mais parecia uma maldita manga. Na primeira tentativa, ele perdeu a marca por mais de 400 metros.

“Está bom”, disse o cara da segunda unidade.

“Não para mim”, discordou o Piloto.

“Maluco”, o cara da segunda unidade rebateu, “isso é o quê? Noventa segundos num filme de duas horas? Já está ótimo.”

“Está cheio de outros motoristas por aí”, o Piloto lhe disse. “Ligue para algum deles”.

A segunda tentativa correu de maneira perfeita. O Piloto concedeu a si mesmo um pouco mais de tempo para aumentar a velocidade e atingir a rampa, para subi-la em duas rodas enquanto voava por sobre o beco, voltava a ficar sobre as quatro e dava uma meia-volta arriscada para encarar o caminho de onde viera. A rampa seria apagada na edição e o beco pareceria bem mais longo.

A equipe aplaudiu.

Ele tinha outra cena agendada para aquele dia, uma corrida simples contra o tráfego de uma rodovia interestadual. Quando a equipe terminou de montar o cenário, a parte mais complicada, já eram quase duas da tarde. O Piloto concluiu a cena logo na primeira tentativa. Eram 14h23 e o resto do dia lhe pertencia.

Ele pegou uma sessão dupla de filmes mexicanos em Pico, secou sem pressa algumas cervejas em um bar ali por perto, conversando por educação com um cara sentado no banco ao lado, depois jantou no restaurante salvadorenho no final da rua de sua residência atual, arroz cozido com camarões e galinha, tortillas gordurosas com a excelente cobertura de feijão que só eles sabem fazer, pepinos, rabanetes e tomates fatiados.

Ele então já havia matado metade da noite, era exatamente o que desejava quando não estava trabalhando em um serviço ou outro.

Porém, depois de um banho e meio copo de *scotch*, não conseguia dormir.

Ele então sabia: havia alguma coisa na qual deveria ter prestado atenção.

A vida nos manda mensagens o tempo todo – e depois fica sentada, dando gargalhadas enquanto observa quão ineptos somos para descobri-las.

Então, às três da manhã, pela janela ele estava olhando para a doca de carregamento do outro lado da rua, pensando que não poderiam ser funcionários dali aqueles homens que empurravam coisas para fora do galpão e as enfiavam em vários caminhões, como num teatro, numa encenação. Não se via mais atividade em lugar nenhum das docas, nenhum chefe, e eles se moviam em ritmo rápido e descompassado.

Ele pensa em chamar a polícia, ver como os fatos se desenrolam, assistir enquanto aquilo se torna um pouco mais interessante. Porém não faz nada disso.

Por volta das cinco, vestiu o jeans e um moletom velho e saiu para tomar café no Greek's.

* * *

Às vezes as coisas dão errado nos trabalhos, começando isso de maneira tão sutil que nem se percebe. Outras vezes, é tudo dominós e fogos de artifício.

Este foi algo entre as duas situações.

Sentado no Dodge, fingindo ler um jornal, o Piloto observou os outros entrarem. Havia uma pequena fila de cinco ou seis pessoas à espera do lado de fora. Ele podia vê-los através das venezianas. Blanche estava conversando com o segurança do lado de dentro, bem perto da porta, afastando o cabelo do rosto. Os outros dois olhavam ao redor, aguardando o momento de acrescentar armas à mistura. Todos ainda sorriam, por enquanto.

O Piloto também observava.

Um homem idoso estava sentado no muro baixo de tijolos diante da fachada da loja, os joelhos finos dobrados como os de um

gafanhoto, lutando para respirar;

Duas crianças, com não mais de doze anos, andavam de skate na calçada oposta;

O bando de engravatados de sempre que rumavam para o trabalho agarrados a suas maletas e com bolsas penduradas nos ombros, já parecendo cansados;

Uma mulher atraente e bem-vestida, talvez na casa dos quarenta, passeava com dois boxers, puxando cada um deles por um braço. Linhas de saliva grudenta pendiam da boca dos cães;

Um latino musculoso descarregava engradados repletos de vegetais de sua imensa picape, que ocupava duas vagas da rua, levando-os para um restaurante especializado em gastronomia do Oriente Médio, no fim do quarteirão;

Um Chevy estacionado num beco estreito a três lojas rua abaixo.

Aquele o pegou de surpresa. Era como se o Piloto estivesse olhando para um espelho. O carro parado ali, o motorista lá dentro, os olhos se movendo de cima para baixo, da esquerda para a direita. Nada daquilo se encaixava minimamente na cena. Não havia razão alguma para aquele carro estar ali.

Então, de repente, um movimento dentro do carro chamou sua atenção – tudo aconteceu depressa, ele juntou as peças mais tarde – e o Piloto viu o cara da retaguarda, o Montanha, virando-se para Blanche, os lábios se movendo. Observou-o se abaixar quando ela puxou a arma e abriu fogo antes de alcançar o chão, como se ela própria tivesse sido atingida. O Cozinheiro, o cara que os colocou juntos nessa, começou a disparar na direção dela.

Ele ainda estava pensando *Que porra é essa* quando Blanche entrou correndo no carro com uma sacola de dinheiro que largou no banco de trás.

Dirija!

Foi o que o Piloto fez, deu no pé, alternando os pedais do freio e do acelerador para derrapar entre um caminhão da FedEx e um Volvo com umas duas dezenas de bonecas sentadas na prateleira atrás do para-brisa traseiro e uma placa em que se lia *Urthship2*, e não foi surpresa nenhuma ver o Chevy logo atrás enquanto

observava o Urthship2 chocar-se nas latas de lixo na calçada diante de um sebo de discos e livros.

O ar deve ter se tornado mais fino para o Urthship2, os nativos hostis do novo mundo.

O Chevy continuou no encalço deles por um longo tempo – o cara era bom mesmo – enquanto Blanche, sentada atrás dele, tirava as mãos cheias de dinheiro da bolsa de ginástica, balançando a cabeça e repetindo *Merda! Ah, merda!*

Os subúrbios os salvaram, da mesma forma que salvaram muitos outros da influência maldita da cidade. Encontrando um caminho na subdivisão que ele havia rastreado anteriormente, o Piloto corria por uma rua residencial tranquila, pisando de leve no freio uma vez, duas e finalmente uma terceira até que, quando eles alcançaram um radar, já estavam rodando a uma precisa e estável velocidade de 40 quilômetros por hora. Sem conhecer a área e para evitar perdê-los de vista, o Chevy começou a acelerar. O Piloto observou pelo espelho retrovisor quando os caras da vizinhança fizeram com que ele encostasse. Os policiais estacionaram um pouco mais atrás, com a motocicleta do chefe dos guardas liderando o grupo. Os caras iriam contar essa história na delegacia por semanas.

Merda, Blanche disse atrás dele. Tem muito mais dinheiro aqui do que deveria. Deve ter quase um quarto de milhão. Ah, merda!

Capítulo Oito

Quando criança, novo na cidade, ele andava pelos terrenos do estúdio. Assim como vários outros, de todas as idades, de todos os tipos. Mas não era nas estrelas em suas limusines ou nos coadjuvantes chegando em Mercedes e BMWs que ele estava interessado, mas sim nos caras que andavam em Harleys, carros parrudos e picapes envenenadas. Como sempre, ele ficava em silêncio, mantinha a cabeça baixa. Uma sombra. Logo ele ouviu algo sobre um bar e restaurante na parte mais imunda de Old Hollywood que era o favorito desses caras e passou a ficar por lá. Em algum momento na segunda semana, às duas ou três da tarde, ele olhou para cima para ver Shannon se ajeitando numa das extremidades do bar. O barman o cumprimentou pelo nome e colocou uma cerveja e uma dose de alguma outra coisa diante dele antes mesmo de Shannon terminar de se sentar.

Shannon tinha um primeiro nome que ninguém usava. Ele era incluído nos créditos, na parte inferior da lista, quase no final. Todos diziam que ele fora criado em algum lugar do Sul, na roça. A descendência escocesa-irlandesa da maioria do povo do interior aparecia nos traços, na compleição e na voz de Shannon. Mas a coisa a que ele mais se assemelhava era ao típico trabalhador braçal do Alabama.

Ele era o melhor dublê de cenas automobilísticas do mercado.

– Pode mandar mais – disse Shannon ao barman.

– E você precisa me dizer isso?

Shannon secou três canecas de cerveja e virou diversas doses de um bom bourbon até o momento em que o Piloto reuniu coragem suficiente para se aproximar dele. Parou diante de Shannon bem na hora em que o quarto copo de bourbon estava a caminho de sua boca.

– Posso te ajudar, garoto?

Um garoto não muito mais velho (ele estava pensando) do que aqueles que agora voltavam da escola em ônibus, carros e limusines.

– Pensei que talvez eu pudesse te pagar alguns drinques.

– Você realmente achou isso, não achou? – Shannon seguiu em frente e virou o bourbon, colocando o copo com delicadeza sobre o balcão. – As solas de seus sapatos praticamente já eram. As roupas não parecem num estado melhor e eu aposto que nessa mochila está praticamente tudo o que você tem. E já faz algum tempo desde que você e a água se encontraram pela última vez. Além disso, tem um ou dois dias que você não come nada. Estou certo até agora?

– Sim, senhor.

– Mas você quer me pagar um drinque?

– Sim, senhor.

– Você vai ficar bem aqui em Los Angeles. – Shannon tomou um terço de sua cerveja num único gole. Fez um sinal para o barman, que imediatamente se pôs diante dele.

– Dê para o jovem o que ele quiser beber, Eddie. E peça para alguém da cozinha mandar um hambúrguer, uma porção dupla de batata frita e salada de repolho.

– É pra já. – Danny rabiscou alguma coisa num bloco de pedidos, arrancou a primeira folha e a prendeu num pregador de roupa pendurado num aro, que ele virou para que o pessoal da cozinha o visse. Uma mão se esticou para pegar o papel. O Piloto informou que uma cerveja seria ótimo.

– O que você quer de mim, garoto?

– Meu nome é...

– Por mais difícil que seja para você acreditar nisso, não dou a mínima para a porra do seu nome.

– Eu sou de...

– E eu me importo ainda menos com isso.

– Público difícil.

– O público é assim. É a natureza dele.

Não muito depois, Danny apareceu com a comida, nada muito grande. Ele colocou o prato diante de Shannon, que inclinou a cabeça na direção do Piloto.

– É para o garoto. Eu, por outro lado, posso encarar mais uma dupla desses soldados.

O prato escorregou pela mesa e o Piloto o pegou, agradecendo a ambos. O pão estava encharcado pela gordura do hambúrguer; as batatas, crocantes por fora e suculentas por dentro; a salada de repolho, cremosa e doce. Dessa vez, Shannon acalentou sua cerveja enquanto a dose de bourbon aguardava, paciente.

– Há quanto tempo você está por aqui, garoto?

– Quase um mês, eu acho. É difícil manter uma noção do tempo.

– Essa é a primeira refeição de verdade em todos esses dias?

– No começo, eu tinha algum dinheiro. Não durou muito.

– Nunca dura. Nesta cidade, mais do que em qualquer outra. – Ele se permitiu um gole bem medido de bourbon. – Amanhã, ou no dia seguinte, você estará com tanta fome quanto há dez minutos. O que você vai fazer então? Bater a carteira dos turistas no Sunset para pegar os poucos dólares que eles carregam e uns travellers cheques que você não conseguirá trocar? Assaltar lojas de conveniência, talvez? Temos profissionais especializados nessas atividades.

– Sou bom com carros.

– Bem, então lá vamos nós. Bons mecânicos conseguem emprego em qualquer lugar, a qualquer momento.

Não que ele não pudesse fazer isso, o Piloto lhe disse. Ele era quase tão bom debaixo do capô quanto atrás do volante. Mas o que fazia melhor, o que fazia melhor do que praticamente qualquer outra pessoa, era dirigir.

Shannon terminou o drinque e soltou uma gargalhada.

– Já faz muito tempo desde a última vez em que me lembrei de como era isso – ele disse. – Uma pessoa que se sente tão cheia de si, tão confiante. Achando que pode devorar o mundo. Você realmente está tão certo de si mesmo, garoto?

O Piloto assentiu.

– Bom. Se você quiser ter qualquer tipo de vida por aqui, se você até mesmo espera sobreviver sem ser engolido, usado, é melhor ter muita autoconfiança.

Shannon terminou a cerveja, colocou o dinheiro da conta sobre o balcão e perguntou se o Piloto não se importaria em acompanhá-lo.

Dando goles nas cervejas da embalagem com seis garrafas que ele comprou num Eddie's, eles ficaram rodando por meia hora, ou algo em torno disso, antes de Shannon embicar o Camaro no topo de uma montanha baixa, bem no declive, perto do sistema de canais de drenagem.

O Piloto olhou ao redor. A paisagem na verdade não era tão diferente do deserto de Sonora onde, no velho caminhão Ford do sr. Smith, ele ensinara a si mesmo como dirigir. Uma terra plana e nua rodeada por paredões repletos de canos, uma fila de carrinhos de supermercado, sacos de lixo, pneus e pequenos eletrodomésticos que não eram muito diferentes dos saguaros, arbustos raquíticos e chollas com os quais ele aprendera a manobrar.

Shannon estacionou e saiu do carro, deixando o motor ligado. O último par de cervejas pendia da teia de plástico em suas mãos.

– Eis a sua chance, garoto. Mostre-me do que é capaz.

Então ele mostrou.

Depois, eles foram comer comida mexicana num lugar em Sepulveda do tamanho de um vagão de carga, em que todos, as garçonetes, o rapaz da limpeza, o cozinheiro, pareciam ser da mesma família. Todos conheciam Shannon e ele lhes falava no que mais tarde o Piloto descobriu ser um espanhol perfeito. Ele e Shannon engoliram alguns *scotches* para abrir os trabalhos, *chips* e salsa, um caldo picante, *enchiladas* verdes. No final da refeição, diversos Pacíficos passaram por ali como numa parada. O Piloto estava levemente exausto.

Na manhã seguinte, ele acordou no sofá de Shannon, onde morou pelos quatro meses posteriores. Dois dias depois, conseguiu seu primeiro trabalho, uma cena bem básica de perseguição num seriado policial de baixo orçamento. Segundo o script, ele deveria virar uma esquina, ficar em duas rodas e depois voltar ao normal – coisa simples e direta. Mas, assim que fez a curva, o Piloto soube do que era capaz de realizar ali. Movendo-se para a frente e para trás rente ao muro, ele fez com que as duas rodas suspensas ficassem rente à parede, o que dava a impressão de que decolara do chão e estava dirigindo na vertical.

– Puta merda! – Ouviram o diretor da segunda unidade dizer. – Pelo amor de Deus, filmem isso. Agora!

Uma reputação começou a ser criada.

De pé, na sombra de um dos trailers, Shannon sorriu. *Esse é o meu garoto*. Ele estava trabalhando num futuro sucesso de bilheteria a quatro estúdios dali e dera uma fugida num intervalo para ver como o seu garoto estava se saindo.

O garoto estava se saindo muito bem. Ele continuava se saindo muito bem dez meses depois, quando, numa tomada rotineira, do tipo que já fizera milhares de vezes, o carro de Shannon ultrapassou a borda de um desfiladeiro, com as câmeras filmando tudo, captando a coisa toda, caiu centenas de metros, capotou duas vezes e foi parar lá embaixo, com as rodas para cima como um besouro deitado de costas.

Capítulo Nove

– Vou dar uma saidinha e comprar alguma coisa para comer – informou Blanche. – Vi um Pizza Hut aqui perto e estou faminta. Salsicha e queijo extra, ok?

– Claro. – Ele ficou de pé junto à porta, uma dessas com moldura de alumínio que todos os motéis parecem ter. O canto esquerdo do vidro se soltara da moldura e ele podia sentir o ar quente que vinha do lado de fora. Eles estavam num quarto de frente, no segundo andar, com apenas uma varanda, a escada e um estacionamento de uns dezoito metros quadrados separando-os da interestadual. O próprio motel tinha três saídas independentes. Uma rampa que dava para a interestadual saía bem em frente a um cruzamento. Outra dava direto para a rua.

A primeira coisa que se deve fazer, seja num quarto de hotel, bar, restaurante, cidade ou cafofo, é checar e memorizar as saídas.

Mais cedo, exaustos da estrada, com os corpos vibrando devido às muitas horas passadas dentro do carro, eles assistiram a um filme na TV, uma película idiota ambientada no México, com um ator que fora grande por quase três dias antes de mergulhar nas drogas, em aparições como estrela convidada em filmes de baixo orçamento como aquele e na fama deficiente e carniceira das manchetes dos tabloides.

O Piloto se maravilhava com o poder de nossos sonhos coletivos. Tudo fora para o inferno, os dois se tornaram cães fugitivos e o que eles faziam? Sentavam e assistiam a um filme. Umas cenas de perseguição e o Piloto podia jurar que era o Shannon que estava dirigindo. Em nenhum momento ele o vira, claro. Mas era definitivamente o estilo dele.

Só pode ser a Blanche, o Piloto pensou, ficando de pé junto à janela. É impossível que outra pessoa tenha dirigido aquele Chevy

até o estacionamento.

Ela tirou uma escova da bolsa e começou a ir em direção ao banheiro.

Ele a ouviu dizer:

– O quê?

E então o estrondo surdo da pistola.

O Piloto foi até o corpo de Blanche e viu o homem na janela. Então, escorregando no sangue, o homem deu um soco no boxe, estilhaçando o vidro e rasgando o próprio braço. Ele lutava para se libertar. Mas, então, ergueu a arma novamente e a balançou na direção do Piloto, que, sem pensar, pegou um pedaço de vidro e o atirou. Atingiu o homem bem na testa. Carne rosada floresceu no local, o sangue verteu dos olhos e o homem largou a pistola. O Piloto viu a lâmina de barbear sobre a pia. Usou-a.

O outro estava dando o seu melhor para botar a porta abaixo a chutes. Era isso que o Piloto estava ouvindo havia algum tempo sem perceber o que era, aquele som seco e retumbante. O homem conseguiu entrar justamente quando o Piloto voltou para o quarto – bem a tempo de carregar a pistola uma segunda vez. O trabuco tinha mais ou menos cinquenta centímetros e um coice filho da puta, danificando ainda mais o braço dele. O Piloto podia ver a carne, o osso e os músculos lá dentro.

Não que estivesse reclamando, longe disso.

* * *

Sentado com as costas na parede no Motel 6, bem ao norte de Phoenix, o Piloto observava a poça de sangue crescer em sua direção. O som do tráfego escapava da interestadual. Alguém chorava no quarto ao lado. Ele percebeu que prendia a respiração em busca do som de sirenes, do burburinho de pessoas se reunindo nas escadas ou no estacionamento, do barulho de passos atrás da porta, e inalou uma grande lufada do ar, que se tornara asqueroso devido ao cheiro de sangue, urina, fezes, cordite, medo.

O neon piscava sobre a pele do homem pálido e alto junto à porta. Ele ouviu o gotejar da torneira da banheira.

Também ouviu algo mais, um arranhar, algo que se arrastava, mais sons retumbantes. Percebeu, depois de algum tempo, que era o seu próprio braço que balançando involuntariamente, as articulações tamborilavam no chão, os dedos arranhavam e socavam quando as mãos se contraíam.

O braço ficou ali pendurado, separado do corpo, desconectado, como um sapato abandonado. Quando o Piloto tentou movê-lo, nada aconteceu.

Preocupe-se com isso depois.

Ele olhou novamente para a porta aberta. Talvez fosse isso, o Piloto pensou. Talvez ninguém estivesse vindo, talvez houvesse acabado. Talvez, por ora, três cadáveres fossem suficientes.

Capítulo Dez

Após quatro meses na casa de Shannon, o Piloto conseguiu economizar dinheiro suficiente para se mudar para seu próprio canto, um complexo de apartamentos na velha East Hollywood. O cheque que preencheu para o depósito e o aluguel foi o primeiro que emitiu na vida e também um dos últimos. Logo ele aprendeu a operar com dinheiro vivo, ficar fora do radar, deixar a menor quantidade de rastros possível.

– Deus do céu, estamos num filme dos anos quarenta – comentou Shannon quando viu o lugar. – Em que apartamento o Marlowe mora? – Fora isso, nesses dias, qualquer um que passasse algum tempo sentado na varanda da largura de uma tábua ouviria mais espanhol que inglês.

O Piloto estava chegando à escada quando a porta próxima à dele se abriu e uma mulher perguntou, em inglês perfeito mas com inconfundível ritmo de quem fala espanhol, se ele precisava de ajuda.

Ao vê-la, uma latina quase de sua idade, com cabelos que pareciam asas de corvo e olhos vivos, ele desejou mais do que tudo precisar de ajuda. Entretanto, o que carregava nos braços era tudo que possuía.

– Que tal uma cerveja, então? – ela ofereceu quando ele admitiu que um pouco de auxílio não seria ruim.

– Isso! Aí, sim, você me ajudaria.

– Ótimo. Sou Irina. Venha quando terminar com isso. Deixarei a porta encostada.

Minutos depois, ele entrou no apartamento da jovem, uma imagem espelhada fiel à de seu apartamento. Música suave tocava em tempo de três por quatro, algo com uma abundância de acordeões e aparições frequentes da palavra *corazón*. O Piloto se

lembrava de certa vez ter ouvido um músico de jazz afirmar que o tempo da valsa era o ritmo mais próximo das batidas do coração humano. Sentada num sofá idêntico ao dele, só que consideravelmente mais limpo e menos gasto, Irina assistia a uma novela num dos canais em língua espanhola. *Novellas*, é assim que eles as chamam. Era um imenso sucesso.

– Tem cerveja aqui na mesa, se você quiser.

– Obrigado.

Ajeitando-se no sofá ao lado dela, o Piloto sentiu seu perfume. Ela tinha cheiro de sabonete matinal e xampu. E, por baixo disso, ele podia sentir o odor do corpo dela, mais sutil e, ao mesmo tempo, sólido.

– Novo na cidade? – ela quis saber.

– Já estou aqui faz uns meses. Estava na casa de um amigo.

– De onde você é?

– Tucson.

Esperando os comentários de sempre sobre caubóis, ele ficou surpreso quando ela disse:

– Tenho alguns tios que vivem lá com a família. South Tucson, acho que é assim que vocês chamam, não é? Não os vejo há anos.

– É um mundo à parte, South Tucson.

– Como Los Angeles, não é?

Para ele, foi.

E quanto teria sido para ela?

Ou para a criança que se aproximava deles, cambaleando, sonolenta, vinda do quarto.

– Sua? – ele perguntou.

– Elas costumam vir com o apartamento. O lugar está infestado de baratas e crianças. Acho melhor você checar o seu armário e olhar debaixo da pia da cozinha.

Ela se levantou e pegou a criança no colo com um único braço.

– Este é o Benicio.

– Tenho quatro anos – o menino informou.

– E é muito teimoso na hora de ir para a cama.

– Quantos anos *você* tem? – Benicio quis saber.

– Boa pergunta. Posso ligar para a *minha* mãe para perguntar?

– Enquanto isso – disse Irina –, vamos para a cozinha que vou lhe dar uns biscoitos e um copo de leite.

Minutos depois, eles retornaram.

– E aí? – Benicio insistiu.

– Creio que vinte. – Não era verdade, mas era isso que ele estava dizendo ao mundo.

– Velho. – Exatamente o que ele suspeitava.

– Sinto muito. Mesmo assim, ainda podemos ser amigos, certo?

– Talvez.

– Sua mãe ainda está viva? – perguntou Irina logo depois de levar o menino de volta para dentro.

Seria mais fácil responder que não do que explicar toda a história.

Ela lhe disse que sentia muito e, momentos depois, lhe perguntou o que fazia na vida.

– Você primeiro.

– Aqui na terra prometida? Uma carreira que me valeria três estrelas. De segunda a sexta sou garçonne num restaurante salvadorenho na Broadway em troca de um salário mínimo mais as gorjetas – gorjetas dadas por gente quase tão ferrada quanto eu. Três noites por semana trabalho como empregada doméstica em casas e apartamentos em Brentwood. Nos fins de semana varro e passo aspirador de pó em prédios comerciais. Sua vez.

– Estou no ramo do cinema.

– Claro que está.

– Sou piloto.

– Tipo de limusines, certo?

– Sou dublê em cenas automobilísticas.

– Você está falando de todas aquelas perseguições de carro e paradas assim?

– Esse sou eu.

– Uau, você deve ganhar bem para isso.

– Na verdade, não. Mas é um trabalho estável.

O Piloto lhe contou como Shannon o colocara debaixo da asa, ensinando-lhe o que precisava saber, e lhe conseguiu seu primeiro trabalho.

– Você é sortudo de ter tido alguém assim na vida. Eu nunca tive.

– E o pai de Benicio?

– Fomos casados por mais ou menos dez minutos. O nome dele é Standard Guzman. Na primeira vez que nos vimos, perguntei: “Bem, então quer dizer que tem um De Luxo Guzman em algum lugar por aí?” E ele simplesmente ficou olhando para mim, não entendeu nada.

– O que ele faz?

– Ultimamente está metido com caridade, ajudando funcionários públicos a manter o emprego.

O Piloto ficou perdido. Ao ver a expressão dele, ela acrescentou:

– Ele está enclausurado.

– Preso, você quer dizer?

– É isso o que quero dizer.

– Por quanto tempo?

– Ele vai sair no mês que vem.

Na TV, debaixo dos seios avultados e meio expostos de sua ajudante loira, um cara negro, baixinho e atarracado, vestido com um fraque de lamê prateado, realizava mágicas de salão. Bolas entre canecas emborcadas apareciam e sumiam, cartas pulavam de baralhos, pombas saíam voando de dentro de painéis de alumínio.

– Ele é ladrão. Um profissional, como vive me dizendo. Começou roubando residências quando tinha catorze anos. Com quinze, mudou para cá. Eles o pegaram quando estava assaltando um banco. Dois detetives da região passavam por ali bem na hora. Tinham ido depositar seus pagamentos.

Standard, porém, conseguiu a liberdade no mês seguinte. E, apesar dos protestos de Irina de que isso *não* aconteceria nem fodendo, ele voltou para passar uns dias em casa. (O que posso dizer?, ela comentou. Ele amava o garoto. Para onde mais poderia ir?) Ela e o Piloto começaram então a passar bastante tempo juntos, o que não incomodou nem um pouco Standard. Na maioria das noites, depois de Irina e Benicio terem ido para a cama, o Piloto e Standard sentavam na sala de estar para ver TV. Várias das boas velhas coisas que só passam de madrugada.

Então, numa noite de terça, na verdade manhã de quarta, eles estavam assistindo a um filme de tiras, *Teto de vidro*, e vieram os

comerciais.

- A Rina me disse que você dirige. Para o cinema?
- É.
- Tem que ser muito bom.
- Eu me viro.
- Não é nada como ter um emprego das oito às seis, não é?
- Uma das vantagens.
- Você vai fazer alguma coisa amanhã? Quer dizer, *hoje*, eu acho.
- Nada agendado.

Encontrando seu caminho entre um denso bloco de comerciais de promoções de móveis, lojas de cama, mesa e banho, seguros pela metade do preço, conjuntos de panela com 25 peças e fitas cassetes com os melhores momentos da história norte-americana, o filme começou novamente.

- Acho que posso falar francamente com você.

O Piloto assentiu.

– Rina confia em você. Creio que também posso... Quer outra cerveja?

- Pode ser.

Ele foi à cozinha e trouxe duas garrafas. Tirou a tampinha de uma e passou a outra para o Piloto.

- Você sabe o que eu faço, não sabe?

- Mais ou menos.

– Está certo. A coisa é a seguinte. Peguei um serviço hoje, algo que estava havia muito tempo engatilhado. Mas o piloto está... bem, detido.

– Como esse cara. – O Piloto apontou para a TV, no momento em que um suspeito estava sendo interrogado. As pernas da frente da cadeira em que o suspeito estava sentado tinham sido cortadas para torná-la o mais desconfortável possível.

– É bem provável. O que estou pensando é se há alguma chance de você assumir o lugar dele.

- Dirigindo?

- É. Vamos sair de manhã cedo. É...

O Piloto ergueu uma das mãos.

– Não preciso saber, não quero saber. Vou dirigir para você. Isso é tudo que faço.

– Bem justo.

Depois de três ou quatro minutos de ação cinematográfica, os comerciais entraram em cena novamente. A maravilhosa grelha para fogão. Pratos comemorativos. Os maiores sucessos.

– Eu já te disse que você é o maior babaca?

– Ah – fez Standard. – Mas está tudo bem, quase todo mundo me diz isso.

Ambos riram.

Capítulo Onze

Naquela primeira fuga, o Piloto embolsou quase três mil.

– Alguma coisa rolando? – ele perguntou a Jimmie, seu agente, no dia seguinte.

– Algumas ligações e algo vai aparecer.

– Uma tonelada de ligações, você quer dizer.

– Tudo bem.

– E para isso eu te pago quinze por cento?

– Bem-vindo à terra prometida.

– Gafanhotos e todo o resto.

Mas, no final do dia, ele tinha dois trabalhos engatilhados. Estava gerando um boca a boca, Jimmie lhe disse. Diziam não apenas que ele era bom na direção, pois a cidade estava repleta de pessoas que sabiam dirigir, mas o burburinho era de que estava lá quando precisavam dele, nunca olhava o relógio, nunca ficava de onda, sempre entregava a mercadoria. Eles sabiam que ele era um profissional, não algum valentão ou delinquente que queria fazer um nome por si mesmo, Jimmie lhe contou, você é quem vão chamar.

A primeira das filmagens só aconteceria na semana seguinte, de forma que o Piloto decidiu ir a Tucson fazer uma visita. Ele não via a mãe desde que a arrancaram da cadeira muito tempo atrás. Ele era pouco mais que uma criança naquela época.

Por que ir agora? Ele não fazia a menor ideia.

Enquanto dirigia, a paisagem mudava ao seu redor. Primeiro, as ruas fortuitas de cidade antiga do centro de Los Angeles, vagarosamente dando lugar à teia sempre incompreensível de cidades da região metropolitana e subúrbios, e então nada mais do que a interestadual por um longo tempo. Postos de gasolina, Denny's, Del Tacos, shoppings de descontos, áreas de extração de madeira. Árvores, muros e cercas. Nessa época, o Galaxie já havia

sido trocado por um Chevy *vintage* com motor que poderia fazer uma aeronave decolar e com um banco de trás grande o bastante para que uma pequena família morasse nele.

Ele parou para tomar café num Union 76 e observou os caminhoneiros sentados em sua área privativa inclinados sobre pratos de bife a cavalo, rosbife, bolo de carne, frango frito, filés de frango frito. A grande culinária das estradas norte-americanas. Caminhoneiros, a última personificação do eterno sonho americano da liberdade absoluta, sempre iluminando as estradas do país.

O edifício diante do estacionamento em que ele parou o Chevy parecia e cheirava como os edifícios adjacentes daquele onde eram ministradas as aulas da escola dominical que frequentara quando criança. As construções mais baratas, com paredes brancas tediosas e o piso de cimento sem nenhum tipo de adorno.

– Você está aqui para ver...?

– Sandra Daley.

A recepcionista contemplou profundamente a tela. Os dedos dançaram com agilidade pelas teclas gastas.

– Não consigo localizá-la... Ah, aqui está ela. Você é...?

– O filho dela.

Ela pegou o telefone.

– Você poderia se sentar ali, por gentileza? Alguém logo virá falar com o senhor.

Passados uns minutos, uma mulher eurásiana vestindo jaleco branco engomado por cima de uma calça jeans atravessou algumas portas trancadas. Saltos baixos de madeira retumbavam no piso de concreto.

– Você está aqui para ver a sra. Daley?

Ele assentiu.

– E é o filho dela?

Ele assentiu novamente.

– Desculpe-me. Por favor, nos perdoe por nossa precaução. Mas os registros mostram que, em todos esses anos, a sra. Daley nunca recebeu nenhuma visita. Posso ver sua identidade?

O Piloto mostrou a carteira de motorista. Naquela época ele ainda possuía uma que não era a segunda ou terceira versão da original.

Olhos amendoados inspecionaram o documento.

– Mais uma vez, me desculpe.

– Sem problema.

Sobre os olhos puxados, as sobrancelhas eram naturais, retas, sem formar quase nenhum arco, um pouco revoltas. Ele sempre se perguntou por que as latinas arrancavam as delas simplesmente para desenhar arcos finos substitutos. Mudando a si mesmo, é possível mudar o mundo?

– Sinto lhe dizer que sua mãe morreu na semana passada. Havia uma série de outros problemas, mas uma insuficiência cardíaca congestiva foi o que por fim a levou. Uma enfermeira de plantão percebeu as mudanças clínicas; uma hora depois ela já estava respirando por aparelhos. Mas então era tarde demais. Em geral é assim.

Ela o tocou no ombro.

– Sinto muito. Tentamos ao máximo entrar em contato com o senhor. Aparentemente, os números de contato que temos já não são válidos há muito tempo. – Os olhos dela varreram o rosto do Piloto em busca de pistas. – Temo que nada que eu possa dizer seja de muita utilidade.

– Está tudo bem, doutora.

Alfabetizada em uma língua tonal, ela notou uma sutil elevação no fim da frase. Ele nem percebera isso.

– Park – ela disse. – Doutora Park. Amy.

Ambos se viraram para observar uma maca que vinha pelo corredor. Uma barca no rio. *African Queen*. Uma enfermeira se sentou com as pernas abertas sobre o paciente, massageando seu peito.

– Merda! – ela xingou. – Acabei de sentir uma costela quebrada.

– Eu mal a conhecia. Só pensei que...

– Eu realmente preciso ir.

No estacionamento, ele se apoiou no Chevy, de pé, olhando para as montanhas que se destacavam no vale de Tucson. Catalinas ao norte, Santa Rita ao sul, Rincon a leste, Tucson a oeste. Toda a cidade era uma bússola. Como alguém podia se sentir tão completamente perdido num lugar como aquele?

Capítulo Doze

A segunda e a terceira fuga com o marido de Irina correram bem. A bolsa esportiva do Piloto largada no chão do armário debaixo de sapatos e roupas sujas se tornava cada vez mais abarrotada.

E então veio a próxima fuga.

Tudo começou bem. As coisas estavam nos trilhos, indo de acordo com o planejado. O alvo era uma loja local vagabunda, que trocava cheques e oferecia adiantamento de salários. O lugar ficava encravado numa das extremidades de uma galeria da década de 1960, próximo a um cinema abandonado com pôsteres de filmes de ficção científica dublados e *thrillers* policiais estrangeiros estrelados por atores norte-americanos que já não conseguiam trabalho no próprio país. Do outro lado ficava uma loja de penhores que abria de forma tão errática que os proprietários nem se preocupavam em colocar os horários de expediente na vitrine. Os verdadeiros negócios aconteciam pela porta dos fundos. Alho, cominho, coentro e limão de uma loja de *falafels* aromatizavam a região.

Eles iriam às nove, assim que abrisse. Persianas de metal seriam levantadas e as portas, destrancadas. Só os funcionários ao redor, trabalhadores que recebiam salário mínimo sem nenhum incentivo para colaborar ou se importar. O patrão nunca estava lá antes das dez ou até mais tarde. Naquele período do dia, mesmo que a loja tivesse um alarme, dava para apostar que os policiais estariam presos no trânsito da hora do rush.

Infelizmente, os tiras recebiam um extra para manter a loja de penhores sob vigilância e um deles, nos limites do tédio, por acaso estava dando uma conferida na Check-R-Cash quando a turma de Standard entrou. Ele tinha uma queda pela latina alta que trabalhava como recepcionista.

– Bem, merda.

– O que há de errado? Ela não te ama mais?

Ele lhes explicou o que estava acontecendo.

– E então, o que faremos? – Eles estavam bem longe da situação que haviam esperado.

DeNoux, na posição de oficial sênior, tomou a decisão. Passou a mão pelos cabelos grisalhos e cortados de forma que ficassem arrepiados.

– Será que vocês já estão tão cansados desse detalhe quanto eu?

Cansados de comer porcarias? De ficar torrando o dia inteiro dentro da van? De mijar em garrafas? O que significa ficar cansado?

– Eu ouvi. Que se foda. Vamos entrar.

O Piloto ficou observando enquanto os comandos irrompiam pelas portas traseiras e tomavam o Check-R-Cash. Sabendo que a atenção deles estava voltada para a frente, ele saiu do Dumpster. Só precisou de alguns momentos fora do carro, com o motor ligado, para furar os pneus da van. Ele então se posicionou diante da loja. Lá dentro, a troca de tiros era intensa. Três haviam entrado. Dois emergiram do nada e foram parar no banco de trás quando ele pisou na embreagem, jogando-os no chão, e atirando em direção ao estacionamento. Um dos dois que saíram foi mortalmente atingido.

Nenhum deles era Standard.

Capítulo Treze

- Você comeu o porco com *yucca*, não é?
- Já faz uns vinte minutos. Camisa legal. Nova?
- Todo o mundo é uma comédia.

Mesmo àquela hora da manhã, um pouco antes das seis, o Gustavo's estava lotado. Manny revirou os olhos quando Anselmo colocou uma garrafa de Modelo diante dele. Em qualquer horário em que ele saía de sua caverna, a luz estava forte demais.

– *Gracias*.

– Como foi o encontro de escritores?

– Ah, é sempre a mesma coisa. Ficamos o dia inteiro com a bunda na cadeira guiando as coisas em direção ao desastre. Quando o carro ou o script chegam ao limite, começamos de novo. – Ele secou a cerveja com apenas alguns goles. – Já chega dessa merda. Vamos tomar algo bom. – Ele tira uma garrafa da mochila. – Novo, da Argentina. Uvas malbec.

Anselmo se materializou com taças de vinho. Manny as encheu e passou uma delas para o Piloto. Ambos beberam um gole.

– Estou certo? – Ele experimentou mais um trago. – Ah, sim. Estou certo. – Segurando a taça como quem segura uma boia, Manny observou: – Você já pensou que a sua vida se tornaria isso? Não que eu saiba a porra toda sobre a sua vida.

– Não tenho certeza se já pensei no assunto.

Manny ergueu seu vinho, olhando através da superfície escura do líquido, balançando a taça como se fosse capaz de equilibrar o mundo.

– Serei o próximo grande escritor norte-americanos. Não tenho dúvida quanto a isso na minha cabeça. Já tinha publicado uma quantidade fodida de histórias em revistas literárias. Então meu primeiro romance foi lançado e deram crédito para o cara da Terra

Plana – eu caí das bordas do mundo. O segundo não teve energia suficiente nem para gritar depois que acabou. E quanto a você?

– Na maior parte do tempo eu só tentava deixar a segunda-feira e chegar à quarta. Sair do meu quarto no sótão, sair do ostracismo, sair da cidade.

– São muitas saídas.

– Essa é a vida comum.

– Odeio a vida comum.

– Você odeia tudo.

– Tenho exceções, senhor. Um mal-entendido grosseiro. Embora talvez seja verdade o fato de eu sentir aversão por bazófilas como o sistema político norte-americanos, filmes de Hollywood, editoras de Nova York, nossa última meia dúzia de presidentes, todos os filmes lançados nos últimos dez anos, com exceção dos dirigidos pelos irmãos Coen, jornais, programas de rádio, carros norte-americanos, a indústria musical, a mídia metida a moderninha, a coisa mais descolada do momento...

– Um bom catálogo.

– ... há muitas coisas na vida pelas quais eu tenho um apreço que beira a reverência. Esta garrafa de vinho, por exemplo. O clima em Los Angeles. Ou a comida que virá em seguida. – Ele encheu nossos copos. – Ainda pegando um trabalho atrás do outro?

– Na maioria das vezes.

– Bom. Não é um desperdício completo, então, a produção de filmes. Diferente da maioria dos pais de hoje, ela pelo menos sustenta suas crias.

– Algumas delas.

Como sempre, a comida era exatamente como eles se lembravam e haviam antecipado. Seguiram para um bar ali perto, cerveja para o Piloto, brandy para Manny. Um velho que quase não falava inglês vagava pelo lugar com um acordeão surrado e sentava-se para tocar tangos e músicas de sua juventude, canções de romance e de guerra, enquanto os clientes lhe pagavam bebidas e jogavam as notas no estojo de seu instrumento. Lágrimas corriam por seu rosto.

Lá pelas nove, o discurso de Manny era pastoso.

– Foi demais para a minha grande noite na cidade. Eu costumava passar a noite toda fazendo isso.

– Posso levar você para casa.

– Claro que você pode.

– Deixe-me só te dizer uma coisa – começou Manny quando eles estacionaram na rua, diante da casa térrea onde ele morava. – Preciso ir a Nova York na semana que vem. E eu não voou.

– Voar? Você mal engatinha.

Então talvez o Piloto também estivesse sentindo as bebidas.

– Seja como for – prosseguiu Manny –, eu estava pensando se você não consideraria a ideia de me levar. Pagarei bem.

– Não vejo como eu poderia. Tenho gravações agendadas. Mas, mesmo se pudesse, nunca aceitaria seu dinheiro.

Após ter lutado para sair do carro, Manny se inclinou na direção da janela:

– Apenas pense a respeito, ok?

Dez blocos depois, uma patrulha da polícia surgiu no espelho retrovisor. Tomando cuidado para manter-se no limite de velocidade e dar as setas com antecedência, o Piloto estacionou num Denny's, com o carro embicado na direção da rua.

O tira passou. Ele estava patrulhando a região sozinho. O vidro da janela abaixado, um copo de café para viagem do 7-Eleven na mão, o rádio chiando.

Café parecia uma boa ideia.

Poderia mesmo ser bom tomar uma xícara enquanto ele estava por ali.

Capítulo Catorze

Ele ouviu os grunhidos de um saxofone mortalmente ferido vindo lá de dentro. As ideias do Doutor sobre música eram diferentes das da maioria das outras pessoas.

– Já faz tempo – o Piloto comentou quando a porta se abriu para um nariz que parecia inchado e olhos semiesbugalhados.

– Parece que foi ontem – o Doutor disse. – Claro, para mim, *tudo* parece que aconteceu ontem. Isso quando me lembro de alguma coisa.

O Doutor então simplesmente ficou ali de pé, o sax continuando a grunhir atrás. Ele olhou para a direção de onde vinha a música e, por um momento, o Piloto pensou que estava se preparando para gritar sobre os ombros, para que alguém desligasse a porra do som.

– Ninguém mais toca assim – o Doutor suspirou.

E olhou para baixo.

– Você não tem um capacho que diz “bem-vindo”.

– Não, mas costumava ter. Um dos bons. Mas, então, de alguma forma as pessoas começaram a achar que eu realmente as receberia bem. – Aquele som estrangulado. Seria uma risada? – Você podia ser o cara do sangue, sabe como é. Como o cara do leite. Fazendo entregas. As pessoas colocariam uma lista com aquilo de que precisassem enrolada na boca da garrafa. Trezentos mililitros de plasma, um litro da coisa toda, um contêiner pequeno de células empacotadas... Eu não preciso de sangue nenhum, cara sangrento.

– Mas *eu* vou querer sangue e muito mais se você não me deixar entrar.

O Doutor se afastou, aumentando o vão da porta aberta. O homem morava numa garagem quando ele e o Piloto se conheceram. E lá estava ele, ainda vivendo numa garagem. O lugar era maior, entretanto. Fora o Piloto que lhe dera aquela nova

garagem. O Doutor passou metade da vida fornecendo ilegalmente drogas legais para o pessoal de Hollywood antes de ser preso e se mudar para o Arizona. As pessoas diziam que ele fora proprietário de uma mansão no alto dos Hills com tantos quartos que ninguém, nem mesmo o próprio Doutor, algum dia soube quem morava ali. Os convidados vagavam pelas escadarias durante as festas e passavam dias sem dar as caras novamente.

– Quer um trago? – o Doutor perguntou, derramando num copo uma parte do conteúdo de uma garrafa de mais de meio litro de bourbon genérico.

– Por que não?

O Doutor lhe passou meio copo da bebida; estava tão turvo que parecia ter sido untado com vaselina.

– Saúde – disse o Piloto.

– Esse seu braço não parece estar bom.

– Você acha?

– Se você quiser, posso dar uma olhada.

– Eu não marquei hora.

– Posso encaixar você.

O Piloto observou enquanto o Doutor fazia o seu teatro.

– Ficaré pronto para outra.

O Doutor andava por aí coletando coisas. Algumas delas ele organizava numa fileira perfeita, o que era um pouco assustador.

Enquanto ajudava o Piloto a tirar o casaco, cortando a camisa encharcada de sangue e a camiseta empapada, o Doutor assobiava fora do tom, entortando os olhos.

– A minha visão não é mais como antigamente. – Quando ele estendeu a mão para examinar a ferida com o hemostato, sua mão tremeu. – Mas então eis você aqui outra vez. O que foi isso?

Ele sorriu.

– Faz com que eu me lembre da minha juventude. Todos esses grupos musculares. Eu costumava ler a *Anatomia de Gray* obsessivamente quando estava no ensino médio. Costumava carregar o troço para tudo que é canto como se fosse uma Bíblia.

– Seguindo os passos de seu pai?

– Nem um pouco. Meu velho era oitenta e seis por cento branco azedo e cem por cento babaca. Passou a vida vendendo salas cheias de móveis à prestação para famílias que ele sabia que não podiam pagar por elas, só para retomar os produtos vendidos e cobrar juros.

Tirando a tampa de uma garrafa de Povidine, o Doutor derramou seu conteúdo numa panela, procurou um pacote de quadrados de algodão e também os jogou lá dentro. Pescou um deles com dois dedos.

– Minha mãe era peruana. Como, diabos, eles se conheceram é algo que está além da minha compreensão. Talvez tenha sido em alguma das viagens dele. Na sua terra minha mãe era parteira e *curandera*. Uma pessoa importante na comunidade. Aqui se transformou na porra de uma Donna Reed.

– Por ele?

– Ele. A sociedade. Os Estados Unidos. As próprias expectativas dela. Quem pode dizer?

O Doutor limpou o ferimento com toques leves.

Suas mãos pararam de tremer.

– A medicina era o grande amor da minha vida, a única mulher da qual já precisei ou corri atrás... Só por um tempo, porém... como se diz. Espero sinceramente me lembrar de como eram aqueles tempos.

Dentes amarelados se abriram num sorriso.

– Relaxa – disse ele, enquanto girava uma luminária barata para aproximar a luz. – Estava me divertindo com você.

A lâmpada piscou, apagou e voltou à vida quando o Doutor lhe deu um tapa.

Depois de dar um gole saudável, o Doutor passou a jarra de bourbon para o Piloto.

– Você acha que aquele registro tinha uma omissão? – perguntou o Doutor. – Me parece que esse papo vai ficar rolando por aí por algum tempo.

O Piloto ouviu. Como poderíamos dizer? O mesmo papo sempre. Tipo isso.

O Doutor fez um gesto com a cabeça em direção à jarra.

– Tome mais uns tragos daquilo ali, garoto. É bem provável que vá precisar. Há grandes chances de que nós dois precisemos antes que isto esteja terminado. Pronto?

Não.

– Sim.

Capítulo Quinze

Como sempre, a preparação do set tomou a maior parte do tempo. Passe cinco horas aguardando os preparativos e dirija por um minuto e meio cravados. O Piloto recebeu o mesmo tanto por aquelas cinco horas quanto pelo minuto e meio. Era uma das cenas principais, ele estivera lá no dia anterior para checar o carro e fazer um teste de direção. Os orçamentos variavam, ele costumava fazer isso no dia em que a cena era rodada, enquanto o resto da equipe trombava uns nos outros como formigas, tentando se organizar. Ele então matava o tempo com os escritores, os roteiristas e os atores que faziam apenas pontas, aproveitando-se do bufê. Até mesmo nos filmes “tiquinho de nada” (como Shannon os descrevia) havia comida suficiente para alimentar uma cidade de porte médio. Tábuas de frios, queijos variados, frutas, pizzas, canapés, cachorros-quentes em miniatura com molho *barbecue*, rosquinhas, rocamboles, doces folheados, sanduíches, ovos cozidos, salgadinhos, salsa, creme de cebola, granola, sucos, garrafas de água mineral, café, chá, leite, bebidas energéticas, biscoitos, bolos.

Naquele dia, ele estava dirigindo um Impala e a sequência era uma batida em dois carros, uma mudança repentina de pista, um cavalo de pau e um desvio de outro carro que vinha na contramão. Em geral, eles dividiam a cena em sequências, mas o diretor queria tentar uma tomada filmada de maneira contínua, em tempo real.

O Piloto estava na pista. Ao subir uma ladeira, vê uma blitz, dois carros de polícia embicados um de frente para o outro.

O que precisa ser feito é começar com uma velocidade quase zero, o carro em marcha lenta. Ele vinha da direita, o espaço era aproximadamente um quarto da largura de um carro – a mesma coisa que jogar a bola de boliche rente à canaleta, atingir o pino

principal e fazer um *strike*. Com o pé no acelerador, você está entre 25 e 50 quilômetros por hora quando atinge os carros estacionados.

E a coisa funcionou como um feitiço. Os dois carros de polícia foram lançados para lados opostos, o Impala disparou com uma guinada satisfatória e cantando de pneus enquanto o Piloto reconquistava a tração e a estabilidade.

Porém não estava terminado. Um terceiro carro de polícia começou a subir a ladeira. Ao ver o que ocorrera, ele pulou para fora da estrada e agora vinha derrapando e trombando nas árvores, lançando pedaços do solo e de vegetação, chegando a quase parar mais de uma vez, alcançando novamente a estrada cinquenta metros depois.

O Piloto tirou o pé do acelerador, reduzindo a velocidade para 40, talvez 50 quilômetros por hora, então virou apenas um pouco mais de um quarto do volante. Nesse mesmo momento ele puxou o freio de mão e engrenou o carro.

O Impala girou.

Aos noventa graus do giro, ele soltou o freio, alinhou as rodas e pisou no acelerador, desengrenando o carro.

Agora ele encarava o automóvel que estava a caminho.

Acelerando até 50 quilômetros por hora, assim que emparelhou com a viatura – o tira virou a cabeça para acompanhar a manobra do Piloto, incrédulo –, ele mais que depressa guinou o volante para a esquerda. Diminuiu a velocidade, em seguida acelerou novamente e alinhou as rodas.

Agora, ele estava atrás de seu perseguidor.

O Piloto retomou a velocidade, ultrapassando os 30 quilômetros por hora, batendo na traseira da viatura, atingindo alguns centímetros da extremidade direita do farol esquerdo. O carro começou a patinar, fora de controle, a parte dianteira ia do norte para o nordeste quando os pneus se alinharam novamente e conduziram o carro para a direção onde pararam: fora da estrada.

Para a surpresa de todos, o dublê saiu do carro sem nenhum arranhão, logo na primeira tomada. O diretor gritou “*Isso!*” quando os dois profissionais abandonaram seus veículos. Receberam

aplausos dos câmeras, dos espectadores que acompanhavam a cena, dos ajudantes de produção, contrarregras e parasitas.

– Fizemos um trabalho decente – comentou o Piloto.

Ele já havia dirigido com aquele cara uma ou duas vezes. Patrick alguma coisa. Um rosto de lua bem irlandês, um lábio leporino mal operado, cabelos cor de feno rebeldes e arrepiados. Contrariando o estereótipo étnico, um homem de poucas palavras.

– Você conseguiu – disse ele.

* * *

O jantar daquela noite foi no Culver City, um lugar entulhado até não poder mais com pesados móveis em estilo missionário, escudos de plástico e espadas de latão pendurados na parede, carpete vermelho, uma porta de entrada que lembrava a dos castelos dos filmes. Tudo novo, mas fabricado de forma que parecesse velho. Mesas e cadeira de madeira gasta, as vigas do teto entalhadas com ácido, o chão de concreto repleto de rachaduras e desgastado com cera. O lance é que a comida era ótima. Dava para jurar que duas ou três gerações de mulheres estavam lá atrás, na cozinha, abrindo tortillas com as mãos, inclinando-se sobre o fogo para assar pimenta e galinha.

Até onde ele sabia, talvez elas estivessem mesmo lá. Às vezes ele se preocupava com isso.

Primeiro, o Piloto tomou alguns drinques no bar. Tudo ali era vergonhosamente novo, aço inoxidável, madeira envernizada, como se para refutar tudo que estava atrás das portas banguê-banguê. Na metade de sua primeira cerveja, ele se viu numa discussão sobre política com um homem que estava sentado ali por perto.

Sem saber nada sobre o assunto, o Piloto foi inventando coisas enquanto a conversa seguia. Aparentemente, o país estava prestes a entrar em guerra. Palavras como *liberdade*, *legalização* e *democracia* surgiam repetidas vezes no blá-blá-blá de seu companheiro, fazendo com que o Piloto se lembrasse de anúncios de perus para o dia de Ação de Graças, como se tornara simples prepará-los: era só metê-

los no forno e aquelas bandeirinhas brotariam quando estivessem prontos.

O que fez com que o Piloto também se lembrasse de um homem de sua juventude.

Todos os dias, Sammy conduzia uma carroça puxada por mulas enquanto berrava: *Produtos à venda! Produtos à venda!* A carroça levava uma grande pilha de coisas de que ninguém precisava, que ninguém queria. Cadeiras com três pernas, roupas puídas, *lava lamps*, aparelhos de fondue, aquários, *National Geographics*. Dia após dia, ano após ano, Sammy insistia. Por que e como, ninguém sabia.

– Posso interrompê-los?

O Piloto olhou para a esquerda.

– Uma vodca dupla, caubói – Standard pediu ao barman. Ele levou o drinque para uma mesa próxima ao fundo do bar, acenando para que o Piloto o seguisse.

– Já faz um tempo que não te vejo.

O Piloto deu de ombros.

– Trabalho.

– Alguma possibilidade de você estar livre amanhã?

– Pode ser.

– Tenho uma parada engatilhada. Um daqueles lugares que trocam cheques. Um lugar que ninguém conhece. Fica no meio do nada. O banco entregará o dinheiro para a semana – e o fim de semana – amanhã, antes de a loja abrir as portas.

– E como você sabe disso?

– Vamos dizer que alguém que eu conheço me contou. Alguém solitário. Da forma como me pareceu, a coisa toda só vai levar uns cinco, seis minutos no máximo. Em meia hora você estará sentado, almoçando a melhor costela da cidade.

– Tudo bem – o Piloto concordou.

– Você tem um veículo?

– Terei. A noite ainda é uma criança. – Por um lado, ele não gostava de ficar recebendo ordens daquele jeito. Por outro, já estava mesmo de olho num Buick LeSabre que ficava estacionado no

conjunto de apartamentos ao lado do dele. Não parecia ser grande coisa, mas o motor cantava.

– Fechado, então. – Eles combinaram um horário e um lugar para se encontrar. – Posso te pagar um jantar?

– Eu sou fácil.

Ambos pediram bifés abafados com caldo de cebola, pimentas e tomate. Como acompanhamento, feijão-preto, arroz salpicado com pimenta, tortillas de farinha. Uma cerveja ou duas para acompanhar o jantar e depois voltaram para o bar. A TV estava ligada, mas não era possível ouvi-la, graças a Deus. Alguma comédia desmiolada em que atores com dentes brancos perfeitos diziam suas falas e depois congelavam no lugar para dar voz às risadas previamente gravadas.

O Piloto e Standard sentaram-se juntos em silêncio, homens orgulhosos que para sempre se manteriam perdidos nos seus próprios pensamentos. Não havia nenhuma necessidade, obrigação ou utilidade de provocações entre eles.

– Rina te adora – Standard disse depois que eles pediram a saideira. – E Benicio te ama. Você sabe disso, não é?

– Ambos os sentimentos são profundamente recíprocos.

– Nenhum outro homem chegou tão perto da minha mulher. Eu já teria cortado sua garganta há muito tempo.

– Ela não é sua mulher.

As bebidas chegaram. Standard pagou, acrescentando uma grande gorjeta. Conexões em todos os cantos, o Piloto pensou. Standard se identificava com esses garçons, sabia o mapa de seu mundo. Uma certa ternura.

– Rina sempre reclamou que eu esperava pouco da vida – disse Standard.

– Bem, pelo menos você nunca ficará desapontado.

– É isso aí.

Fazendo um brinde com o Piloto, ele bebeu e pressionou os lábios nos dentes ao sentir a severa queimação causada pelo líquido.

– Mas ela está certa. Como posso esperar mais do que aquilo que está diante de mim? Como qualquer um de nós pode esperar por mais do que isso? – Ele terminou a bebida. – Acho que temos que ir

embora. Tirar nossa soneca rejuvenescedora. Amanhã será um dia movimentado e todo o resto.

Lá fora, Standard admirou a lua cheia, olhou para os casais dentro dos carros, quatro ou cinco garotos em roupas espalhafatosas de *gangsta* – calças cargo com o gancho baixo, camisetas largas, bandanas na cabeça – na esquina.

– Digamos que se algo acontecer comigo... – disse ele.

– Eu diria que já aconteceu.

– Acha que você consegue ver que o caminho está livre para que cuide de Irina e Benicio?

– É... É, eu farei isso.

– Bom. – A essa altura, eles já estavam alcançando os carros. De uma maneira nada característica, Standard estendeu a mão. – Vejo você amanhã, meu amigo. Cuide-se.

Eles trocaram um aperto de mão.

Um acordeão animado tocava na estação mexicana enquanto o Piloto pisava fundo no acelerador do carro. De volta ao apartamento da vez. Ele nunca pensava em nenhum desses como uma casa de verdade, independentemente de quanto tempo permanecia neles. Ligou o som.

Música alegre.

Antes que pudesse estacionar, dois caminhões vieram berrando da rua, seguidos por uma velha *station wagon* Chevy azul-celeste com cinco dos seis pneus marrons que cantavam e uma gaiola repleta de galinhas amarrada no teto.

Vida.

Capítulo Dezesseis

Nada no Chevy o conduzia a lugar nenhum. Essencialmente um contêiner vazio. Tão impessoal quanto uma embalagem de café para viagem. Ele ficaria surpreso se fosse o contrário.

Se ele encontrasse alguma forma de tirar uma licença para o carro, era bem provável que fosse uma falsificação. E, mesmo que não fosse, todas as circunstâncias diriam que o automóvel era roubado.

Tudo bem.

Mas a aposta havia sido feita. Ele estava no controle.

Quando os caras durões enviados por eles não voltaram – o gordo, o albino –, aqueles que os mandaram iriam enviar alguém atrás deles. Muitas arestas chicoteando ao vento, apenas uma questão de tempo antes de alguém levar uma pancada na cabeça.

Essa era a vantagem que ele tinha.

O Piloto se deu conta de que a melhor coisa que poderia fazer era tirar o Chevy dali. Colocá-lo em algum lugar onde fosse difícil encontrá-lo. Embora não tão difícil assim. Tudo o que lhe restaria era trancar as portas e esperar.

Então, por dois dias, com o braço doendo o tempo todo como um filho da puta, facas imaginárias rasgavam seu ombro, incessantes, indo até os pulsos, um machado invisível erguia-se e descia sobre o braço sempre que o movia, o Piloto se sentou nos fundos do shopping center onde estacionara o Chevy. Forçou-se a usar o braço ruim, mesmo que para tomar o café misturado com chá que comprara, por 3,68 dólares a caneca, num quiosque que se encontrava aberto logo na entrada leste do shopping. Estava em Scottsdale, bem nos limites do território de Phoenix, um subúrbio sofisticado em que cada comunidade tinha o seu próprio sistema de muros, em que os shoppings se equilibravam numa gangorra que tinha em seu eixo lojas como Neiman-Marcus e Williams-Sonoma. O

tipo de lugar onde carros *vintage* como o Chevy não pareciam assim tão fora de contexto, na verdade, entre as Mercedes e BMWs. O Piloto o colocou na parte mais afastada do estacionamento, sob a sombra raquítica de um palo verde, para tornar mais fácil a visualização.

Não que isso importasse muito àquela altura, mas ele continuava seguindo o script que mantinha em sua cabeça.

O Cozinheiro tinha arquitetado tudo, é claro. Havia poucas dúvidas a esse respeito. O Piloto viu o Montanha vindo – ele dava graças por qualquer aparição. Talvez o Montanha tenha sido parte do plano, talvez, como os outros, fosse apenas um peão, um testa de ferro, um coadjuvante. Sobre Blanche, ele não tinha certeza. Ela podia estar dentro no início, mas parecia haver algo errado. Era possível que estivesse apenas procurando por si mesma, mantendo aberto seu leque de opções, tentando achar algum subterfúgio para que ela e o Piloto pudessem de fato mergulhar na coisa. Até onde o Piloto sabia, o Cozinheiro ainda era uma das peças ativas. Não havia como o Cozinheiro ter posto as mãos no tesouro que aqueles garotos durões foram coletar. Para fazer isso, ele teria de estar liderando a operação.

Ele fez uma pergunta: quem era provável que aparecesse?

A qualquer minuto um carro poderia estacionar com algum de seus amigos dentro.

Ou talvez, apenas talvez, os chefões iriam rapidamente sugerir, o que às vezes funciona, que o Cozinheiro limpasse ele mesmo a sujeira.

Nove e quarenta da manhã do terceiro dia, toda a brisa do estado se voltava severamente para o sul e o asfalto já estava esburacado, o braço pendia de seu ombro como uma bigorna quente. O Piloto pensou: *Tudo bem então, plano B*, quando viu o Cozinheiro circundar duas vezes o estacionamento num Crown Vic e parar na vaga logo ao lado do Chevy. Observou-o sair, olhar ao redor, caminhando vagorosamente na direção do carro com uma chave na mão.

O Cozinheiro abriu a porta do motorista e escorregou para dentro. Logo emergiu, foi à parte de trás e abriu a mala. Metade de seu

corpo desapareceu lá dentro.

– As pistolas não são mais tão boas – comentou o Piloto.

A cabeça do Cozinheiro bateu na tampa da mala quando ele tentou se erguer e se virar ao mesmo tempo.

– Desculpe-me por isso. Blanche também não era tão boa assim. Mas acho que algumas propostas podem fazer com que você se lembre do que aconteceu. Vamos logo à sua apresentação.

Uma das mãos do Cozinheiro se ergueu, indo na direção do lóbulo de sua orelha. O Piloto a interceptou no meio do caminho e a conteve com um único soco logo acima do pulso, num centro nervoso que interrompia as sensações e confundia as mensagens recebidas pelo cérebro. Ele aprendera isso com um dublê que trabalhara num filme do Jackie Chan. Então, exatamente como num passo de dança, com o pé direito para trás, escorregando para a esquerda, apoiando o peso do corpo nos calcanhares, ele tinha o Cozinheiro em posição de estrangulamento. Isso ele também aprendera com o mesmo dublê.

– Ei, relaxa. O cara que me ensinou isso me disse que essa imobilização é totalmente segura numa base a curto prazo – ele disse. – Depois de quatro minutos, o cérebro começa a desligar, mas permanece ativo até que então...

Afrouxando o estrangulamento, ele deixou que o Cozinheiro caísse no chão. A língua do homem estava para fora e ele não parecia respirar. Um médico poderia dizer que o tom de pele sua pele era azul, mas, na verdade, era cinza. Estrelas minúsculas formadas por vasos sanguíneos rompidos começaram a surgir em seu rosto.

– Há sempre a possibilidade de eu não conseguir fazer isso direito, é claro. Mas, no fim das contas, já faz um tempo que isso não acontece.

Ondas de dor atravessaram o braço do Piloto quando ele terminou com a carteira do Cozinheiro. Não havia nada de útil ali dentro além de algumas notas.

Vamos então checar a carroça.

Enfiados no porta-luvas do Crown Vic, ele encontrou um bolo de recibos de postos de gasolina, todos de estabelecimentos no centro da cidade, Rua Sete, McDowell, Central. Quatro ou cinco páginas de

endereços escritos aos garranchos, a maioria deles ilegível, indicando vários pontos no interior e ao redor de Phoenix. Metade de um ingresso para algo chamado Paco Paco, uma caixa de fósforos do Philthy Phil, um "cabaré para cavalheiros". Um mapa do Arizona. E um monte de cupons presos por elásticos cruzados.

NINO'S PIZZA
(RESTAURANTE NOS FUNDOS)
E. Lynwood, 719
(480) 258-1433
ENTREGAMOS EM DOMICÍLIO

Capítulo Dezessete

Ele sempre tomava os primeiros drinques do dia longe de casa. Havia duas opções: o Rosie's, no fim da avenida principal, um longo caminho a pé, ou o Rusty Nail, na esquina. Ele tinha um carro, mas a carteira de motorista já tinha ido para o brejo fazia muitos anos e ele não queria assumir riscos desnecessários. O Rosie's era um bar de trabalhadores que abria às seis da manhã. Pedia-se um bourbon ou um uísque e o barman não precisava perguntar que marca o cliente preferiria, já que só havia uma garrafa de cada. Os homens também não precisavam se preocupar com coisas problemáticas como janelas, já que o lugar era uma caverna. O Rusty Nail, basicamente um bar de tetas, iniciava o expediente às nove. Ficava aberto até mais ou menos as três, quando as garotas começavam a escassear e a clientela mudava (ele fora pego de surpresa mais de uma vez). O lugar era frequentado por mecânicos da oficina de caminhões no final da rua e açougueiros do abatedouro logo em frente, muitos deles ainda vestindo aventais borrifados de sangue. Na maior parte das vezes, naqueles dias em que suas pernas não estavam tão instáveis ou seus calafrios tão intensos, o Rosie's vencia.

Todos os beberrões do início da manhã eram clientes regulares, mas nenhum deles conversava. Na maioria dos dias, a porta era mantida aberta por uma cadeira e, sempre que alguém a cruzava, cabeças se viravam para aquela direção e ocasionalmente uma ou outra acenava em um cumprimento silencioso antes de retornar para a sua bebida. Benny já deveria estar esperando havia muito tempo quando ele chegou ao bar. "Senti sua falta ontem", ele poderia dizer. Benny serviu o primeiro par de drinques num copo grande de uísque – até que suas mãos se firmaram. Naquele momento, ele estava mais atrasado que o usual. "Noite ruim?", perguntou Benny. "Não

consegui dormir.” “Meu velho sempre diz que isso é culpa da consciência pesada”, comentou Benny. Lá vai você, *ele* acha que isso é consciência pesada, mas eu acho que a coisa tem muito mais a ver com um bife de frango frito pesado.

Alguém dá um tapinha em seu ombro.

– Doutor? Você é o Doutor, não é?

Ignore-o.

– É claro que é. Me paga uma bebida?

Talvez não o ignore.

Benny traz outra Bud para o cara e derrama mais uma dose dupla no copo do Doutor.

– O lance é que você me conhece, cara. Eu sou de Tucson. Você costumava cuidar dos manos mexicanos da pista de corrida. Alguns anos atrás, você fez uns curativos no meu irmão depois de um serviço num banco. Noel Guzman, lembra? Parrudo e alto? Cabelo descolorido?

Ele não se lembrava de jeito nenhum. Havia tratado de dezenas deles naquele dia. *Naquela situação*, como eles dizem agora – e flagrou-se imaginando novamente de onde aquele homem poderia ter saído. *Naqueles tempos. Bem na quebrada*. As pessoas nunca tinham ouvido aquelas frases antes, e então, de repente, todo mundo as estava utilizando.

– Não faço mais isso.

– Nem meu irmão. Ele está morto.

O Doutor virou seu uísque.

– Sinto muito.

– Ele não era grande coisa, veja só... era apenas da família.

Benny estava lá com a garrafa. Era difícil para o jovem fazer outra coisa que não fosse aprovar outra dose. Ele o observou com uma expressão semelhante à de terror quando a conta de seis dólares apareceu na registradora e, então, balançando a cabeça, aceitou-a. Benny jogou a chapinha num cinzeiro sobre o balcão diante deles.

– Passou desta para uma melhor tentando roubar a loja tocada por uma família da vizinhança. Um carinha estava debaixo do balcão e, antes que ele percebesse, como o policial nos contou, estava no

chão meio segundo depois, a irrigação de sangue no seu cérebro cessou. Não foi o fim que ele imaginava para si mesmo.

– Quando isso aconteceu?

– Não que alguém tenha ficado surpreso. – Ele secou a cerveja e obviamente queria outra. Entretanto, também estava hesitante, já que isso poderia implicar outro uísque de seis dólares.

– Essa rodada é por minha conta – Doc lhe disse. Benny levou o copo grande e encheu outro menor, em que cabia apenas uma dose, virando-o no maior. A mão de Doc estava firme quando ele pegou o uísque.

– O mesmo? – Benny perguntou ao garoto.

– Escolha o que você quiser – encorajou o Doutor.

– Uma Bud está bom.

Benny lhe trouxe uma caneca. O Doutor bateu com o copo vazio no balcão enquanto o garoto bebia a cerveja.

– Então... você agora está morando por estas bandas?

O Doutor assentiu.

– Fazendo o quê?

– Aposentado.

– Cara, você já estava aposentado quando te conheci.

Dando de ombros, o Doutor fez o gesto de pedir mais um drinque. Conseguiu uma dose um pouco maior dessa vez, já que a garrafa estava no final. Isso fez com que o Doutor se lembrasse dos acendedores de álcool sólido Sterno. Quando era criança, ele foi para o quintal de sua casa, o campo selvagem de nogueiras e sebes, e, após uma noite passada dentro de um nada confortável saco de dormir do exército, tentou fritar bacon utilizando um tablete de Sterno; conseguiu apenas queimar o polegar.

– O lance é que eu tenho uma proposta adorável.

É claro que ele tinha. Caras como aquele apareciam num bar, conheciam você, ou afirmavam que conheciam, sempre tinham uma proposta adorável e queriam te deixar inteirado a respeito.

– Você não está seguindo os passos de seu irmão, eu espero.

– Ei, você sabe como é. Algumas famílias formam médicos, outras produzem advogados...

O garoto tirou um dos sapatos, arrancou a palmilha e pescou lá de dentro duas notas de 100 dólares, que colocou sobre o balcão do bar. Parte do estoque ele usou como garantia, para mostrar que tinha algum no bolso, para subornos ou só para sobreviver... um velho hábito de presidiário.

O Doutor olhou para as notas.

– Qual é o seu nome, garoto?

– Eric. Eric Guzman. Pense nisso como um pagamento adiantado.

– Você está esperando precisar de algum cuidado médico em breve?

– Não, eu não. Sou cuidadoso. É um plano mais para a frente.

Que diabos. Talvez toda a vida daquele garoto fosse um *non sequitur*. A cerveja não podia tê-lo afetado tanto assim. Não as Buds, nem as duas horas que ele passara secando-as. O Doutor olhou para cima e viu as pupilas puntiformes do garoto. Tudo bem. Agora essa história fazia sentido.

– Planejar para a frente é o que estou fazendo. Uma coisa que *vai* acontecer. Eu saberei aonde ir, não é?

O garoto não sabia de merda nenhuma. Nenhum deles sabia hoje em dia. Achavam que eram fora da lei, todos eles. Eles davam uma de durões diante da sociedade, mas, em relação a tudo que realmente importava, eram uns franguinhos.

O Doutor sofreu por mais meia hora com o papo de Eric Guzman antes de dar uma desculpa e arrastar seu próprio traseiro miserável para fora do banco do bar e voltar para casa. Tempo suficiente para que Guzman lhe contasse a sua proposta adorável. Eles estavam indo assaltar uma loja de eletrônicos na Central quando no caminho passaram por um dos limites da cidade, chegando a uma rua meio que definhada, tomada principalmente por galpões e construções do gênero. O lugar estaria todo em promoção naquele final de semana e Guzman descobriu que no domingo haveria uma pilha gigantesca de dinheiro por ali. Os guardas eram uns armários. Ele já tinha reunido sua equipe, só faltava o motorista.

A Srta. Dickinson estava esperando o Doutor, reclamando, quando ele entrou na garagem. Ela vagara pela porta dele por mais ou menos um ano e, quando o Doutor a abriu no final de uma tarde,

passou a alimentá-la. Uma mestiça em que a raça Russian Blue era a mais evidente, ela perdera metade da orelha esquerda e dois dedos da pata dianteira esquerda.

– Quantas refeições serão hoje, Srta. D? – ele perguntou. Havia uma regularidade problemática em suas visitas; ele suspeitava que ela ia de casa em casa por toda a vizinhança. Mesmo assim ele abriu uma lata de atum albacora e a colocou no canto da sala, onde a gata podia encontrá-la sem ter de procurar por todo o cômodo, apesar de ser exatamente isso o que ela faria quando esvaziasse a lata.

Ele não limpou a casa da noite anterior. Tiras de tecido ensopadas de sangue, tábuas, tigelas de água oxigenada e Povidine. Cloro, agulhas de costura de aço inoxidável, garrafas de álcool.

Bons para ser úteis novamente.

Antes de o Doutor terminar a limpeza, a Srta. Dickinson terminou com o atum e foi ver o que ele estava fazendo, torcendo o nariz diante do cloro e dos desinfetantes, balançando a cabeça ao farejar a água oxigenada e o Povidine, mas demonstrando grande interesse pelos tecidos ensanguentados, o algodão e a gaze. Ela não parava de tentar pôr as patas nas tigelas e cestos de plástico em que ele jogava esses restos.

Seu novo paciente voltaria na sexta para um *check-up*. Deveria tomar cuidado com infecções, o Doutor lhe dissera. Agora estava pensando se a infecção não era o menor dos perigos. Ele devia avisar seu paciente a respeito de Eric Guzman.

Capítulo Dezoito

Por um longo tempo após a morte de Standard, ele não pegou mais nenhum trabalho. Não que os serviços não tivessem aparecido. O burburinho estava se espalhando. Ele assistia muita TV com Benicio, cozinhava imensas refeições com e para Irina. Quando ela lhe perguntava como aprendera a cozinhar daquela forma, ele respondia:

– Culpa do senso de autopreservação.

Então, enquanto eles gratinavam parmesão fresco e as salsichas italianas descansavam sobre a tábua de corte para descongelar, ele lhe contou sobre a sua mãe. Eles brindaram. Um bom e barato *sauvignon blanc*.

Um dia ou dois por semana, ele ia ao estúdio, dava-lhes o que eles queriam e voltava antes de Benicio chegar da escola. Os cheques que Jimmy lhe enviava todos os meses estavam cada vez mais gordos. Ele poderia viver assim até o fim de seus dias. Nenhum ouro pode durar para sempre... ele se lembrava dessa frase de um poema lido no ensino médio.

Não que em Los Angeles fosse possível dizer isso sem consultar um calendário, mas o outono havia chegado. As noites eram frescas e com brisa. Todo anoitecer, as luzes formavam uma linha no horizonte, tentando heroicamente persistir, e então desapareciam.

De volta para casa após seu novo trabalho como recepcionista da enfermaria no pronto-socorro mais próximo, Irina encheu suas taças de vinho.

– Aqui é tão...

Ele se lembrou do copo caindo, despedaçando-se assim que atingiu o chão.

Ele se lembrou da explosão de sangue na testa dela, a trilha vermelha escorrendo pelo rosto enquanto Irina tentava cuspir o que

quer que estivesse em sua boca no momento anterior ao colapso.

Ele se lembrou de pegá-la quando ela caiu. E então, por um longo tempo, ele de nada mais se lembrou.

Negócio de gangues, a polícia lhe diria depois. Achamos que foi algum tipo de disputa de território.

Irina morreu logo depois das quatro da manhã.

* * *

O Piloto não tinha nenhum direito legal, por isso Benicio foi enviado para os avôs, na Cidade do México. Durante um ano ou mais, ele escrevia para o garoto toda semana e Benicio lhe mandava desenhos de volta. Ele os pendurava na geladeira do apartamento em que estivesse morando, se este tivesse uma geladeira. Por um tempo, ele se manteve pulando de um lado para o outro, mudando de canto depois de um mês ou dois, de Old Hollywood para Echo Park, de lá para Silverlake, pensando que isso fosse ajudar. O tempo passou, exatamente o que o tempo faz, e foi isso. Então, um dia ele se deu conta de que já fazia um bom tempo desde que tivera notícias do garoto pela última vez. Tentou ligar, mas o número não existia mais.

Odiando ficar sozinho para encarar apartamentos vazios e os momentos do dia em que não tinha nada para fazer, o Piloto se mantinha ocupado. Pegava tudo o que aparecesse em seu caminho e ainda procurava por mais. Teve até mesmo uma participação com diálogo num filme quando, meia hora antes da gravação, o figurante passou mal.

O diretor então correu para ele.

– Você estaciona e esse cara está aqui parado. Você balança a cabeça, como se estivesse sentindo pena dele, esse coitado filho da puta, sai do carro e se encosta na porta, dizendo: “Sua ligação”. Entendeu?

O Piloto assentiu.

– A coisa simplesmente *pingava* uma porra de uma ameaça – o diretor comentou mais tarde quando eles fizeram uma pausa para o

almoço. – Duas palavras. A porra de duas palavras! Foi bonito. Você deveria pensar seriamente em fazer mais disso.

Ele fez, só que não exatamente o que o diretor quis dizer.

Standard costumava frequentar bastante um bar chamado Buffalo Diner bem no final da Broadway, no centro de Los Angeles. Ali, não serviam comida desde que Nixon estava no poder, mas o nome sobrevivera, aos pedaços, assim como o giz com o qual o último menu fora escrito no quadro-negro acima do bar. O Piloto então começou a passar as tardes por lá. Puxava conversa, virava alguns drinques, mencionava que era amigo de Standard, perguntava se conheciam alguém que estivesse precisando de um piloto de primeira linha. Na segunda semana, ele se tornou um cliente habitual, conhecendo o resto deles pelo nome, e tinha mais trabalhos do que era capaz de realizar.

Enquanto isso, quando ele começou a recusar gravações e continuou a recusá-las, as ofertas cinematográficas diminuíram.

– E o que eu devo dizer às pessoas? – perguntou Jimmy nas primeiras vezes.

O que, depois de algumas semanas, mudou para:

– Eles querem o melhor. Só por isso continuam me ligando. Até mesmo o italiano, com todas aquelas rugas na testa e as verrugas, tem ligado – ele disse – em pessoa, não por meio de algum mero secretário ou agente. Pessoalmente, porra.

– Olha – a penúltima mensagem de Jimmy dizia. Nessa época, o Piloto já tinha parado de atender o telefone. – Fico imaginando se você está vivo, mas já estou começando a não dar a mínima para isso, se é que você entende o que quero dizer. O que estou falando para as pessoas é que parece que arrumei um novo babaca.

Sua última mensagem foi:

– Pode parecer engraçado, garoto, mas acabei de perder o seu número.

Capítulo Dezenove

De uma cabine telefônica, o Piloto ligava para o número nos cupons. Do outro lado, tocava e ninguém atendia – afinal de contas, ainda era cedo. Quem quer que finalmente tenha atendido foi inflexível, tão inflexível quanto alguém era capaz de ser falando um inglês tão duvidoso, ao dizer que o Nino's não estava aberto e que, por favor, ele teria de ligar depois das onze.

– Posso fazer isso – disse o Piloto –, mas é impossível que o seu chefe fique feliz quando descobrir que você o deixou esperando.

Aparentemente, ele falara uma quantidade excessiva de palavras para que o homem acompanhasse.

– Também é possível que você possa me passar para alguém cujo inglês seja um pouquinho melhor.

Um mendigo passou pela rua lá fora, empurrando um carrinho de supermercado com uma grande pilha de bugigangas. O Piloto se lembrou novamente de Sammy e sua carroça puxada por mulas carregada de coisas que ninguém queria.

Uma nova voz surgiu na linha.

– Posso ajudá-lo, senhor?

– Espero que sim. Parece que calhei de estar em posse de algo que não me pertence.

– E o que seria...?

– Algo próximo a duzentos e cinquenta mil dólares.

– Espere um minuto, senhor.

Após alguns momentos, uma voz grave e arrogante chegou à linha.

– Nino falando. Que porra está aí do outro lado? O Dino falou que você tem uma coisa que me pertence.

Nino e Dino?

– Então eu tenho um motivo para acreditar nisso.

– É, bem, um monte de gente está com coisas que são minhas. São muitas. Você pode repetir o seu nome?

– Não tenho a menor intenção de ficar dando o meu nome por aí. Já faz um bom tempo que ele está comigo, sabe?

– Por que não? Tudo bem, não preciso de mais nomes. – Ele se virou. – Estou na porra do telefone, você não está vendo? – E então voltou à linha. – E aí, qual é o trato?

– Recentemente fiz um negócio com um homem que você conhece. Um cara que dirige um Crown Vic.

– Esse é um carro bem popular.

– É mesmo. O que eu quero que você saiba é que ele não fará mais negócio nenhum. Nem o Montanha e a Blanche. Ou dois cavalheiros que da última vez resolveram dar uma olhada no que estava rolando num quarto do Motel 6, ao norte de Phoenix, apesar de aquele não ser o quarto deles.

– Phoenix é uma cidade difícil.

O Piloto podia ouvir o homem respirar do outro lado da linha.

– O que você é? Alguma porra de exército?

– Eu dirijo. É isso o que eu faço. Tudo o que faço.

– É. Bem, preciso te dizer uma coisa. Parece-me que você às vezes dá valor excessivo ao dinheiro, se é que me entende.

– Somos profissionais. Pessoas fazem acordos, elas têm de se manter fiéis a eles. É assim que funciona, se é que os acordos funcionam mesmo.

– Meu velho costumava dizer a mesma coisa.

– Não contei as notas, mas a Blanche me falou que tinha mais de duzentos mil na bolsa.

– Então é melhor que tenha isso mesmo. E por que você está me contando essa história?

– Porque é o seu dinheiro e a sua bolsa. Diga a palavra mágica e ambos podem estar na sua porta em uma hora.

O Piloto ouviu algo efervescente e sinuoso, Sinatra, talvez, tocando ao fundo.

– Você não é muito bom nisso, é?

– No que eu faço, sou o melhor. Isto aqui não é o que eu faço.

– Posso seguir em frente. Então, o que você quer?

– Só uma coisa: sair dessa história. Quando o dinheiro estiver em suas mãos, estaremos quites. Você esquece o Cozinheiro e seu Crown Vic, esquece os imbecis no Motel 6, esquece até mesmo que tivemos esta conversa. Não quero que ninguém cruze o meu caminho na próxima semana, ou no próximo mês, a contar de agora, para me dar suas saudações.

O silêncio tomou conta da linha. A música começou novamente do outro lado.

– E se eu me recusar? – Nino perguntou.

– Por que você se recusaria? Não tem nada a perder e um quarto de milhão a ganhar.

– Bom ponto.

– Temos um trato, então?

– Temos um trato. Dentro de uma hora...?

– Certo. Só não se esqueça do que o seu velho dizia.

Capítulo Vinte

O Doutor jogou esponjas, cotonetes, seringas e luvas num balde de plástico produzido para ser encaixado no piso de carros e servir como lata de lixo. Ei, ele morava numa garagem, certo? Caso vivesse numa ilha, usaria casca de coco. Sem problema.

– É isso. Os pontos foram retirados, a ferida parece estar em boas condições.

A má notícia era que, a partir daquele momento, o paciente não teria mais sensibilidade total daquele braço.

A boa notícia era que a mobilidade não fora afetada.

O Piloto lhe entregou um maço de dinheiro preso por um elástico.

– Aqui está o que eu imagino que te devo. Não é suficiente...

– Tenho certeza de que é.

– Não é a primeira vez que você costura o meu rabo, afinal de contas.

– Um Ford 1950, não foi?

– É, como aquele que o Mitchum dirigiu em *Thunder Road*.

Era na verdade um autêntico Ford 1951 – dava para dizer pelos emblemas V-8 em que se lia *Ford Custom* nos para-choques dianteiros, no painel e no volante –, embora os aerofólios cromados tivessem sido removidos e uma grade do modelo de 1950 acrescentada. Bem fiel.

– Você bateu na mureta que acabaram de levantar no acostamento da rodovia.

– Esqueci que a mureta estava lá. Ela não estava nas últimas vezes em que passei por ali.

– Havia algo instável no carro também.

– Isso faz com que seja necessário você escolher bem o proprietário dos carros que rouba.

– *Pego emprestado*. Eu estava indo devolver... Sério, Doutor: você me encobriu e eu estou te pagando. Apreciei o aviso a respeito de Guzman. Vi os noticiários. Todos os três foram mortos na cena do crime.

– Imagino. Ele tinha basicamente “encrenca” escrito na testa.

– Não haveria muita gente a fim de contratar um piloto que só pode dirigir com um braço. Estava desesperado. Pegaria qualquer coisa nessa altura do campeonato. Você sabe disso.

Mas o Doutor havia mergulhado em seu próprio mundo, como fazia às vezes, e não respondeu.

A Srta. Dickinson correu para dentro com as patas dianteiras rígidas, atingindo o chão juntas, seguidas pelas traseiras, como um cavalinho de balanço, quando o Piloto estava saindo. O Doutor já lhe contara a respeito dela. Ele a deixou entrar e fechou a porta. Sua última visão do interior da casa foi da gata sentada quietinha aos pés do Doutor, à espera.

O Doutor estava se lembrando de um conto de Theodore Sturgeon que lera. O protagonista, meio desmiolado, vivia numa garagem que fora transformada em apartamento, exatamente como ele. O personagem é ignorante, primário, muitos dos pormenores da vida lhe escapam. Entretanto, é capaz de consertar qualquer coisa. Certo dia, encontra uma mulher na rua. Ela foi espancada, fizeram de tudo com ela, menos matá-la. Ele a leva para seu apartamento e – aí Sturgeon dá detalhes minuciosos de provisões para sangrias, instrumentos cirúrgicos improvisados, práticas realizadas de maneira gradativa – a trata.

Como se chamava mesmo?

Ah, “Bright Segment”, “O segmento brilhante”. Era isso.

Se em nossa vida tivermos um ou dois desses, um ou dois segmentos brilhantes, o Doutor pensou, somos afortunados. A maioria das pessoas não os tem.

E o resto não era silêncio, como dizia a ópera *I Pagliacci*.

O resto era apenas ruído.

Capítulo Vinte e Um

O melhor trabalho que o Piloto pegou foi um *remake* de *Thunder Road*. Diabos, em dois terços do filme havia cenas em que o ator tinha de dirigir. Aquele Chevy 56, com o Piloto dentro, era a verdadeira estrela.

A produção foi uma dessas coisas que acontecem do nada. Dois caras estavam sentados num bar, conversando a respeito de seus filmes favoritos. Eles eram irmãos e já tinham realizado alguns caça-níqueis menores destinados ao mercado adolescente. Ambos eram bem *geeks*, mas bons o suficiente. O mais velho, George, era o homem de frente, cuidava da produção final, arranjava dinheiro, tudo isso. O irmão mais novo, Junie, era responsável pela maior parte da direção. Juntos, eles escreviam os filmes em noites viradas nos diversos Denny's do centro de Los Angeles.

Repassaram cenas e falas de *Thunder Road* por três ou quatro minutos e ambos ficaram em silêncio ao mesmo tempo.

– Nós podemos fazer isso – disse George.

– Com certeza poderíamos tentar.

No final do dia seguinte, sem nada no papel, nenhum tratamento, nem uma única palavra no script, nem mesmo um orçamento ou projeção em vista, eles já tinham a coisa engatilhada. Comprometimentos contingentes de investidores, um distribuidor, o gol já no pé do artilheiro. Seus advogados já estavam correndo atrás dos direitos autorais e das permissões.

Por menor que fosse o cachê, eles escalaram o jovem ator mais descolado do ano, que calhou de ser um grande fã de Robert Mitchum. “Cara, eu queria *ser* o Robert Mitchum!”, disse ele antes de assinar o contrato. O Piloto tinha trabalhado no filme que transformara o ator numa estrela. Ele era um merdinha e mesmo então não havia melhorado nem um pouco. Demoraria mais um ano

ou dois até que desse com a cara no chão. Depois disso, ainda se ouviria seu nome de tempos em tempos surgindo nos tabloides. Ele iria para a reabilitação novamente, estaria pronto para um retorno às telas, participaria como convidado especial de alguma *sitcom* de segunda categoria. Mas, por enquanto, era uma posse valiosa e, com ele a bordo, todo o resto entrava nos eixos.

O que um monte de gente não sabe a respeito do original é como o Ford utilizado na cena da batida teve de ser especialmente construído. Colocaram para-choques dianteiros de aço-carbono, reforçaram pesadamente o corpo e a estrutura, modificaram o motor para que tivesse o máximo de cavalos e então perceberam que nenhum pneu comum daria conta do peso e da velocidade, de forma que tiveram de fabricar pneus especiais com esponjas de borracha. Todos os carros dos traficantes de bebida do filme eram autênticos. Eram utilizados por traficantes de bebida de Ashville, na Carolina do Norte, que os venderam ao estúdio de cinema e depois usaram o dinheiro para comprar carros mais novos e velozes.

O Piloto era o dublê mais importante da produção, com um cara jovem vindo de Gary, Indiana, Gordon Ligocki, fazendo a maior parte das outras cenas. Ele tinha um corte de cabelo que mais parecia a bunda de um pato, bem no estilo dos anos 1950, usava um bracelete de identificação que ostentava a inscrição *Seu nome* e falava tão baixo que era preciso lhe pedir para que repetisse metade de tudo o que dizia.

– (...) – disse ele no primeiro dia enquanto estavam no intervalo do almoço.

– O quê? – perguntou o Piloto.

– Eu falei que você dirige bem.

– Você também.

Eles ficaram sentados em silêncio. Ligocki entornava latas de Coca-Cola. Enquanto o Piloto comia seus sanduíches e frutas e dava goles no café, pensava em como seria se ele fizesse aquilo, se pedisse uma pausa no meio da cena todas as vezes que um dos dublês precisasse mijar.

– (...)

– O quê?

- Perguntei se você tem família.
- Não. Só eu.
- Já faz muito tempo que está na cidade?
- Alguns anos. E você?
- Quase um ano agora. É difícil conhecer as pessoas por aqui. Elas falam com você, te cumprimentam o tempo todo, mas não parecem ir além disso.

Apesar de, no ano seguinte e talvez também no posterior a esse, eles terem passado algum tempo na companhia um do outro, compartilhando uma refeição ocasional ou saindo para tomar um drinque, aquela foi a sequência de palavras mais longa que o Piloto ouviu Ligocki pronunciar. Noites inteiras podiam passar sem que eles fossem além do “Como estão as coisas?” e “Até a próxima”, algo que deixava os dois confortáveis.

Aquele filme foi o mais difícil em que o Piloto trabalhou. E também o mais divertido. Um dublê em particular fazia com que ele passasse a maior parte do dia às gargalhadas. Ele tinha de vir em alta velocidade pela rua, ver um bloqueio na pista e tentar passar entre o bloqueio e um muro. O carro tinha de ficar de lado, sem capotar, de forma que a velocidade e o ângulo precisavam ser perfeitos. Nas duas primeiras tentativas, capotou. Na terceira, ele achou que conseguira, mas o diretor lhe disse que havia acontecido algum problema técnico e eles teriam de rodar de novo. Quatro tentativas depois, ele fez a cena perfeita.

O Piloto nunca soube o que ocorrera, mas o filme não foi lançado. Algo a ver com direitos autorais, talvez, ou alguma outra questão legal, poderia ter sido qualquer um entre uma centena de problemas. A maioria das coisas que têm início com a intenção de se tornar um filme jamais chega a ser concluída. Pelo menos, esse fora rodado, o que era bom.

Até parece.

Capítulo Vinte e Dois

Seis da manhã, os primeiros raios de sol do amanhecer, o mundo se espreguiçava, reconstituindo-se, enquanto observava o que estava prestes a acontecer.

Um piscar de olhos e o galpão do outro lado da rua surgiu novamente.

Outra piscadela e a cidade surgia aos poucos, a distância, um navio pesado chegando ao porto.

Os pássaros pulavam de árvore seca em árvore seca, reclamando. Carros vazios na calçada ganham uma carga humana, saindo de suas vagas.

O Piloto sentou em seu apartamento tomando goles de uísque do único copo que manteve. O *scotch* era um Buchanan's, uma marca mediana. Nada mal. Um campeão de vendas entre os latinos. Não havia telefone ali, nada de valor. Sofá, cama e cadeiras vieram com o apartamento. Roupas, lâmina de barbear, dinheiro e outros objetos essenciais esperavam ao lado da porta, dentro de uma bolsa esportiva.

Enquanto isso, um bom carro esperava por ele no estacionamento.

A TV, ele a achara jogada na calçada ao lado de sacos de lixo quando tinha ido colocar seus próprios copos, louças e bens diversos para que o lixeiro levasse. *Por que não?*, pensou. Uma tela de dez polegadas e bem ferrada, mas funcionava. Então, naquele momento, ele estava assistindo a um programa sobre a natureza, no qual quatro ou cinco coiotes perseguiram uma lebre. Os caninos faziam um revezamento: um deles perseguia a lebre por algum tempo e depois era substituído por outro.

Mais cedo ou mais tarde eles viriam atrás dele, é claro. Era apenas uma questão de tempo. Nino sempre soube disso. Ambos sabiam. Todo o resto não passava de passos de dança, táticas sofisticadas,

orientações equivocadas, cutucar a onça com vara curta. Sem chance de eles simplesmente deixarem as coisas como estavam.

O Piloto derramou o resto do Buchanan's em seu último copo.

As visitas chegariam logo, sem dúvida nenhuma.

Capítulo Vinte e Três

Em seu sonho, a lebre parou, morta, e foi, raivosa, até o coiole, arreganhando os lábios para revelar dentes afiados como lâminas que haviam acabado de nascer.

Foi quando o Piloto acordou e percebeu que alguém estava no quarto. Uma alteração na escuridão da janela o informou sobre onde o intruso se encontrava. O Piloto se virou pesadamente, inquieto, e a cabeceira da cama bateu na parede.

O homem parou de se mover.

O Piloto virou-se de novo e se pôs de pé. A antena de rádio que tinha nas mãos golpeou o pescoço do homem. Havia muito sangue e, por um momento, dois golpes, três, e o homem parou como se estivesse congelado. A essa altura, o Piloto já estava atrás dele. Chutou as panturrilhas do homem e, quando ele caiu, o golpeou novamente com a antena, com o outro lado dessa vez, e depois lhe atingiu a mão, que, segundo presumiu, procurava uma arma.

Inclinando-se para a frente, os pés plantados num dos braços do homem, o Piloto o pegou. Um 38 de cano curto. Como se aquela coisinha tivesse sofrido uma cirurgia plástica para caber no bolso do cara.

– Ok. Fique de pé.

– O que quer que você diga – o visitante estendeu ambas as mãos com as palmas viradas para cima –, sou um cara legal.

Na verdade, ele era praticamente um garoto. Parrudo de exercícios e esteroides nas mesmas proporções. Cabelo escuro cortado com máquina zero dos lados e longo no topo. Um casaco esportivo sobre uma camiseta preta, um par de correntes de ouro. Dentes pequenos e quadrados. Nem um pouco parecido com a lebre.

O Piloto fez com que ele atravessasse a porta da frente e fosse para a varanda que circundava o prédio. Todos os apartamentos se

abriam para ela.

– Pule – ordenou o Piloto.

– Você é maluco, cara. Estamos no segundo andar.

– A decisão é sua. De qualquer forma, eu não ligo a mínima. Ou você pula ou eu atiro em você aí mesmo onde está. Pense um pouco. A altura é só de uns nove metros. Você vai sobreviver. E, se tiver sorte, acabará apenas com as pernas quebradas, talvez um tornozelo esmigalhado.

O Piloto percebeu o momento em que a coisa mudou de figura. Ele viu a hora em que a tensão se esvaiu e o corpo do garoto aceitou o que estava prestes a acontecer. Ele colocou uma das mãos na sacada.

– Mande minhas lembranças para o Nino.

Em seguida, ele pegou a bolsa esportiva no apartamento e desceu a escada dos fundos até o carro. “Jumpin’ Jack Flash” surgiu no rádio quando ele virou a chave na ignição.

Merda.

Obviamente, a estação havia, como eles gostavam de dizer, mudado o seu perfil. Será que fora vendida? Uma enganação para os antigos ouvintes? Aquela era para ser uma rádio de soft jazz, porra. Ainda era, havia apenas alguns dias, quando ele virara os botões do rádio para sintonizar a sua estação preferida. Agora aquilo.

É isso que acontece quando não se pode mais acreditar em ninguém.

O Piloto virou o dial, passando por música country, noticiários, uma entrevista sobre alienígenas do tipo extraterrestre, *easy listening*, country novamente, hard rock, outra entrevista, dessa vez sobre alienígenas do tipo terreno, mais noticiários.

Cidadãos conscientes do estado do Arizona estavam se armando graças a um grupo humanitário que começou a instalar estações de água no deserto, o qual os imigrantes ilegais precisavam cruzar para ir do México para os Estados Unidos. Milhares haviam perecido tentando realizar a travessia. O Piloto percebeu que *Cidadãos conscientes do estado do Arizona* soava como *armas de destruição em massa* ou *a ameaça vermelha*.

Enquanto isso, o poder legislativo estadual estava tentando aprovar estatutos que impedissem os alienígenas ilegais de receber tratamento médico gratuito nos hospitais e emergências sobrecarregados e sem verbas do Arizona.

O Doutor deveria começar a abrir franquias.

O Piloto entrou numa interestadual.

Será que eles mandaram apenas um cachorro atrás dele? Ou haveria um novo cachorro para derrubar e revirar a lata de lixo? Aquilo era bem estúpido. Seja como for, não fazia o menor sentido.

Ou talvez ele tivesse de fato feito alguma coisa.

Dois possibilidades.

Uma: eles estavam tentando encurralá-lo. O assassino designado para a tarefa não falaria nada, é claro. Mas, se o Piloto o tivesse matado – quem quer que o enviara, o cara deveria estar esperando que retornasse –, a polícia estaria até aquele momento indo de porta em porta e checando os registros das residências. Por toda a Califórnia e estados adjacentes, os aparelhos de fax estariam sendo resgatados dos depósitos de sucata para cuspir cópias de sua foto extraída de velhas carteiras de motorista e qualquer outra informação sobre ele que fosse desencavada. Não havia muita coisa. Mesmo até ali, ele instintivamente se mantivera nos bastidores.

A segunda possibilidade se concretizou quando um Mustang azul surgiu na fila de carros atrás dele, próximo à entrada de Sherman Oaks, alojando-se no campo de visão de seu espelho retrovisor, e dali não sairia.

Então, não apenas eles o haviam rastreado, como também queriam que *soubesse* que estavam atrás dele.

O Piloto cortou abruptamente a interestadual e parou num posto de gasolina, contornando um entroncamento. Estacionado e sentado no carro, o motor rugindo, cercado por caminhoneiros. Ali perto, uma família era cuspidada de dentro de sua van, com alguns cães a reboque. Os pais gritavam com as crianças, que por sua vez gritavam com os cachorros e umas com as outras.

O Mustang se materializou atrás dele, surgindo no retrovisor.

Tudo bem, então, ele pensou. Agora estamos jogando o meu jogo.

Pisando na embreagem, ele acelerou pela estrada de acesso do posto. Enquanto ganhava velocidade, seus olhos se alternavam constantemente do espelho retrovisor para a autoestrada. Separados pela distância de um carro, ele deslizava pela pista cravada entre duas plantações.

Mas, o que quer que fizesse, não conseguia despistar o filho da puta.

Periodicamente ele saía da estrada, misturando-se ao tráfego das cidades para tirar vantagem, contrapondo sinais de trânsito como obstáculos entre ele e o perseguidor. Ou, ao voltar para a interestadual, acelerava com o pisca alerta ligado, subia algum viaduto, descia em frente a uma carreta e, então, uma vez fora do campo de visão, acelerava e seguia em frente.

O que quer que fizesse, o Mustang continuava atrás dele como uma memória ruim, uma história da qual não se pode escapar.

Tempos desesperados, medidas desesperadas.

Assim que saiu da cidade, quando encontrou o primeiro cata-vento branco de uma plantação, o céu se contorcia preguiçosamente sobre o deserto, o Piloto entrou numa rampa de saída sem dar nenhum tipo de sinal e deu uma guinada de 180 graus. Sentado de costas para o caminho de onde viera, viu o Mustang se aproximar.

E então botou o pé no acelerador.

Correu por um ou dois minutos, não mais do que isso. Um velho truque de dublê: no último momento, jogou-se no banco de trás e abraçou o próprio corpo, esperando a colisão.

Os carros bateram de frente. Nenhum dos dois desviaria de seu caminho, embora o Mustang, previsivelmente, levasse a pior. Chutando a porta para abri-la, o Piloto saiu do carro.

– Você está bem? – alguém gritou da janela de uma picape toda detonada que diminuiu a marcha no fim da rampa de saída.

Então se ouviu o longo rugido de uma buzina e o berro de freios quando uma van Chevy derrapou enquanto tentava parar, escorregando atrás da picape.

O Piloto entrou no Mustang. Sirenes soavam a distância.

O penteado estilo rabo de pato de Gordon Ligoeki nunca mais seria o mesmo. Seu pescoço estava quebrado. Havia também danos

internos, levando-se em conta a quantidade de sangue ao redor de sua boca. Provavelmente batera no volante.

O Piloto ainda tinha os cupons do Nino's Pizza.

Ele colocou um deles no bolso da camisa de Gordon Ligocki.

Capítulo Vinte e Quatro

Ele pegou carona com o cara da picape, cujo surgimento com um bastão de beisebol feito de alumínio fora suficiente para fazer com que os jovens passageiros da van dessem meia-volta e retornassem para a estrada.

– O que estou imaginando é que você deve ter uma boa razão para não ficar por aqui agora que o Homem chegou – ele disse quando o Piloto se aproximou. – Eu mesmo sei bem mais do que um pouco sobre essa história. Suba.

O Piloto entrou na picape.

– Meu nome é Jodie – disse ele depois de rodarem aproximadamente um quilômetro –, mas o pessoal daqui me chama de Marinheiro. – Ele apontou para uma tatuagem no bíceps direito. – Era para ser uma asa de morcego. Parece uma vela mestra.

Tatuagens profissionais – o morcego, uma mulher com uma saia de folhas e cocos nos seios, uma bandeira norte-americana, um dragão – cobriam seu bíceps. As mãos no volante ostentavam outro tipo de desenho. Tatuagens de cadeia, feitas de maneira tosca com tinta e a ponta de um arame. Na maioria das vezes, isso significava uma corda de violão.

– Para onde estamos indo? – o Piloto perguntou.

– Depende... Uma das cidades à frente, não muito longe daqui, tem um boteco bem decente. Alguma possibilidade de você estar com fome?

– Eu comeria alguma coisa.

– Como eu adivinhe?

Era um bufê clássico de almoço de cidade pequena. Bandejas fumegantes com pilhas altas de pedaços de bolo de carne, camarões, asas de frango temperadas, feijão com linguiça, batatas coradas, rosbife. Os acompanhamentos eram queijo cottage,

gelatina com pedaços de frutas, salada verde, um suflê com três camadas de vegetais diversos, salada verde, pudim, cenoura e aipo cortados em tiras, caçarola de feijão verde. A clientela era uma mistura de trabalhadores burocráticos, homens e mulheres de escritórios próximos, com camisas de mangas curtas, vestidos de botão e de poliéster, e senhoras idosas de cabelos azuis. Estas últimas, Jodie lhe contou, vinham em carros que mais pareciam tanques, por volta da uma hora, todas as tardes, a cabeça quase invisível acima do volante e do para-lama. Todo o mundo, então, sabia que era hora de abrir espaço na rua.

– Você não tem nenhum trabalho para o qual esteja precisando de ajuda? – o Piloto perguntou.

– Não. Dessa vez estou trabalhando sozinho. Agradeça ao Nam por isso. Estou sendo indiciado por assalto à mão armada e os juízes disseram que me dariam uma escolha: posso me alistar ou voltar para a cadeia. Não dei muita bola para a coisa na primeira vez, não tinha a menor noção de que a situação ficaria muito mais sinistra. Então, fiz o básico, liguei o foda-se e, depois de três meses, estava tomando as primeiras cervejas do meu café da manhã usual quando um franco-atirador me pegou. Estourou a caneca. O veado tinha ficado a noite inteira ali, me esperando. Eles me mandaram para Saigon, tiraram metade de um de meus pulmões e me enviaram de volta para Stateside. Eu estava deficiente o bastante para abandonar a missão, já que nunca tive nenhuma predileção por nada mais do que hambúrgueres gordurosos e bebida vagabunda.

Ele virou o resto do café. A garota do hula-hula em seu braço rebolou. A gordura sobressalente balançou debaixo da tatuagem como a barbela de um peru.

– Tive a sensação de que você viu a ação com seus próprios olhos. O Piloto balançou a cabeça.

– Prisão, então. Você já deve ter ido em cana.

– Ainda não.

– Então eu poderia jurar... – Tentou dar outro gole no café, demonstrando surpresa ao encontrar a caneca vazia. – Mas, de qualquer forma, de que diabos eu sei?

– Como está o resto de seu dia? – o Piloto perguntou.

Aparentemente uma merda. E o de sempre. A casa de Jodie era um trailer em Paradise Park, nos fundos da interestadual. Por todos os cantos viam-se geladeiras abandonadas, pilhas de pneus carecas e sem a câmara de ar, veículos decadentes. Meia dúzia de cães latiam e rosnavam sem parar no estacionamento. A pia da cozinha de Jodie estaria coberta por uma montanha de louça, caso ele tivesse uma quantidade suficiente de louça para ser empilhada. As poucas que ele possuía *estavam* na pia, e pareciam estar ali havia séculos. A gordura fluía pelos orifícios dos queimadores do fogão.

Jodie ligou a TV assim que entrou, plantou-se diante da pia, passou uma água em dois copos e os encheu com bourbon. Um cachorro doente de raça incerta saiu dos fundos do trailer para saudá-lo e, então, exausto pelo esforço, tombou aos pés dele.

– Este é o general Westmoreland – informou Jodie.

Eles se sentaram para assistir a um filme antigo, *A ceia dos acusados*. Em seguida, veio *Arquivo confidencial*, enquanto eles tomavam doses regulares do bourbon. Três horas depois, poucos minutos antes de o Piloto dar o fora na picape, deixando para trás um bilhete em que se lia *Obrigado* e uma pilha de notas de cinquenta dólares, Jodie também tombou. Exatamente como o cão.

Capítulo Vinte e Cinco

Veio numa caixa não muito maior que os volumes de enciclopédia enfileirados em prateleira na sala de visitas atrás das estátuas de anjos e peixes. Como uma coisa daquelas poderia caber ali? Uma *mesa*? Uma mesa de canto, dizia o anúncio, confeccionada por um dos mais premiados designers norte-americanos. Requer montagem.

Chegou ao meio-dia. A mãe ficou muito empolgada. “Vamos esperar para abri-la depois do almoço”, disse ela.

Ela pedira a mesa pelo correio. Ele se lembrava de ter ficado impressionado com isso. Será que o carteiro tocara a campainha e “quando a mãe abrisse a porta” ele estaria ali com a mesa nas mãos? “Sua mesa”, madame. Você faz um círculo, escreve um número num pedaço de papel, anexa um cheque e pronto! Uma mesa aparece na sua porta. Tudo isso já é mágico o bastante. Mas ela também vem numa caixinha de nada dessas?

Memórias mais antigas de sua mãe quando ele era criança afluavam ocasionalmente nas horas que antecediam o amanhecer. Ele acordava com as memórias alojadas na mente, embora, nos momentos em que tentava se lembrar delas de maneira consciente, ou expressá-las, elas desaparecessem.

Ele tinha o quê? Nove, dez anos? Sentado à mesa da cozinha, ele devorava um sanduíche de manteiga de amendoim enquanto a mãe tamborilava os dedos na bancada.

“Terminou?”, ela perguntou.

Ele não terminara, ainda tinha metade do sanduíche no prato e estava faminto, mas assentiu. Sempre concordar. Essa era a primeira regra.

O garoto empurrou o prato para longe, junto à pilha de louça que tomava conta da pia.

“Então vamos dar uma olhada.” Ela golpeou com um cutelo numa das extremidades da caixa para abri-la.

Foi colocando as peças no chão com todo o carinho. Que quebra-cabeça impossível! Pedacos de metal barato contorcido e tubos, chavetas e saquinhos com parafusos e outras peças.

Os olhos da mãe retornavam à folha de instruções e, passo a passo, peça a peça, ela montou a mesa. No momento em que as tarraxas dos pés foram encaixadas e as metades inferiores das pernas foram colocadas no lugar, a expressão no rosto da mãe, à qual ele estava ainda mais atento, passou de feliz a intrigada. Enquanto ela unia as partes superiores das pernas, os apoios de sustentação e os parafusos, a expressão se tornava triste. Aquele prospecto de tristeza se espalhava por todo o seu corpo, tomava conta da sala.

Preste bastante atenção: esta é a segunda regra.

A mãe ergueu o tampo da mesa do fundo da caixa e ajustou-o no lugar.

Uma coisa horrorosa, de aparência barata, instável.

A sala e o mundo ficaram muito quietos. Ambos silenciaram por um longo tempo.

“Eu simplesmente não entendo”, a mãe disse.

Ela se sentou no chão, imóvel, alicates e chaves de fenda espalhados a seu redor. Lágrimas jorravam de seu rosto.

“Parecia tão lindo no catálogo. Tão lindo. Bem diferente dessa coisa.”

Capítulo Vinte e Seis

O antigo automóvel de Jodie era um Ford F-150, tão sem graça quanto um carrinho de mão, tão confiável quanto a iminência da ferrugem e dos impostos, indestrutível como um tanque. Freios que poderiam conter uma avalanche, um motor poderoso capaz de rebocar geleiras. Se bombas caíssem dos céus e varressem a civilização como a conhecemos, duas coisas sairiam das cinzas: as baratas e os F-150. A coisa tinha a dirigibilidade de um carro de boi, as peças internas rangiam como dentes, e o deixava com uma dor permanente no traseiro. Mas era uma sobrevivente; sempre fazia o trabalho, independentemente de qual fosse.

Como ele.

O Piloto dirigiu a fera de lataria quase inteiramente preta remendada com Durepox pela I-10 em direção a Los Angeles. Encontrou uma estação de rádio universitária tocando duetos de Eddie Lang e Lonnie Johnson, George Barnes, Parker com Dolphy, Sidney Bechet, Django. Era engraçado como uma vitória tão pequena quanto achar aquela rádio podia mudar toda a sua perspectiva.

Numa barbearia do Sunset ele raspou a cabeça até quase se tornar careca. Comprou roupas *oversize* e atravessou as portas espelhadas de outra loja próxima.

O Nino's ficava entre uma padaria e um açougue, numa vizinhança italiana em que senhoras idosas se sentavam nas varandas e nas escadas diante das casas e os homens jogavam dominó em mesas de carteados montadas na calçada. Com os supermercados, os Sam Clubs e coisas do tipo, o Piloto não sabia que açougues ainda existiam.

Em particular, dois caras de terno preto passavam boa parte do dia no Nino's. Apareciam bem cedo, tomavam café da manhã, ficavam

um tempo sentados ali e depois iam embora. Mais ou menos uma hora depois, voltavam. Às vezes passavam o dia todo lá. Um virava expressos, enquanto o outro ficava com o vinho.

Bastava observá-los com alguma atenção para perceber que eram um estudo de opostos.

O Homem do Expresso era jovem. Talvez estivesse no final da casa dos vinte anos, tinha os cabelos pretos cortados curto e assentados no lugar com o que só poderia ser vaselina. Os raios ultravioleta que emanavam daqueles cabelos eram capazes de gerar luz. Sapatos pretos de bico redondo, de aparência desajeitada, estavam fincados sob a bainha de suas calças. Debaixo do casaco, ele usava uma camisa polo azul-marinho.

O Homem do Vinho, um cinquentão, vestia uma camisa social com abotoaduras de ouro, mas sem gravata, Reeboks pretos e seus cabelos grisalhos estavam puxados para trás num rabo de cavalo curto e volumoso. Enquanto seu jovem parceiro andava com passos deliberados e medidos, a *pretensão* de um fisiculturista, o Homem do Vinho simplesmente seguia a correnteza. Como se estivesse usando mocassins ou tocasse o chão apenas a cada três ou quatro passos.

* * *

No segundo dia, logo depois do café da manhã, o Homem do Expresso foi para trás do prédio para fumar. Dando uma profunda tragada, inalou lentamente uma lufada de veneno, expirou e depois tentou dar outra tragada, mas não conseguiu.

Algo estava ao redor de seu pescoço. Que porra... um *arame*? Ele tentou contê-lo com as mãos, mesmo sabendo que não adiantaria nada. Alguém estava puxando bem forte. E aquele calor em seu peito deveria ser sangue. Enquanto lutava para olhar para baixo, um lingote de carne, *sua* carne, gotejava em seu peito.

Então é isso, ele pensa, aqui na porra de um beco, com merda nas minhas calças. Diabos.

O Piloto colocou um cupom do Nino's no bolso do casaco do Homem do Expresso. Antes, porém, ele circulou "Entregamos em

domicílio” com caneta vermelha.

* * *

Maldito Deus, o Homem do Vinho reverberou minutos depois. O guarda-costas do Nino o levou para fora depois que um dos cozinheiros, ao ir até lá para esvaziar um tacho de óleo, tropeçou no Junior.

Quem diabos coloca no filho o nome de Junior?

O garoto já era, quanto a isso não havia dúvida. Os olhos estavam esbugalhados; padrões que lembravam estrelas, formados por capilares que arrebetaram, tomavam conta de todo o seu rosto. A língua estava para fora como uma rolha de carne.

Impressionante. O garoto ainda ostentava uma ereção. De vez em quando ele pensava que Junior se resumia a apenas isso.

– Sr. Rose? – o guarda-costas o chamou. Qual era mesmo o nome daquele ali? Eles iam e vinham. Keith alguma coisa.

Filho de uma *puta*, ele pensou. *Filho* de uma puta.

Não que ele se importasse muito com o cara, que podia ser um pé no saco de vez em quando, todo sarado, viciado nesse lance de suco de cenoura e esteroides. E cafeína suficiente para matar uma tropa de cavalos. Mas que se danasse tudo isso, quem quer que tivesse feito aquilo iria se arrepender.

– Parece que o patrão precisa chutar uns rabos por aí, sr. Rose – o Keith-alguma-coisa comentou atrás dele.

Ele ficou em pé com a taça de vinho numa mão e o cupom da pizzeria na outra. O círculo em caneta vermelha. Entregamos em domicílio.

– Eu diria que já cuidaram disso.

Não poderia ter acontecido havia mais de alguns minutos. Quão longe aquele filho da puta poderia estar? Mas, por enquanto, aquilo não era o mais importante.

Ele esvaziou a taça.

– Vamos contar ao Nino.

– Ele não vai gostar disso – observou o Keith-alguma-coisa.

– E quem diabos gostaria de uma coisa dessas?

* * *

Bernie Rose com certeza não gostou.

– Então você caça o cara e a primeira coisa que ele faz é entrar no meu próprio quintal e apagar o meu parceiro... Que bom que não existe nenhum sindicato que defenda a nossa classe. Esse negócio é *meu*, Nino. Que diabos. Você está careca de saber.

Nino, que odiava qualquer tipo de massa, empurrou o último pedaço de um croissant de chocolate goela abaixo e o acompanhou com uma boa golada de chá Earl Grey.

– Nos conhecemos desde que tínhamos que idade? Seis anos?

Bernie Rose ficou calado.

– Acredite em mim. Essa é uma coisa que deve ser terceirizada, não é um negócio como os outros. Faz sentido contratar outra pessoa para terminar o serviço.

– Terceirizar um serviço desses depõe contra a sua posição, Nino. Você sabe disso.

– Os tempos estão mudando.

– *Porra*, é claro que os tempos estão mudando quando você manda amadores para cometer um assassinato e nem mesmo se dá ao trabalho de informar aos seus próprios homens o que está acontecendo.

Bernie Rose encheu outra taça de vinho. Ainda chamava a bebida de *dago red*. Os olhos de Nino em nenhum momento o abandonavam.

– Diga-me.

Se ele estivesse no negócio do cinema, perguntaria qual era a trama secundária. O povo dos filmes tinha seu vocabulário próprio. Trama secundária, subtexto, presságio, sustentação. Produtores que não seriam capazes de diagramar nem uma única sentença para salvar a própria vida adoravam falar da “estrutura” de um script.

– É complicado.

– Aposto que é.

Ele ouviu enquanto Nino lhe explicava a situação, a simulação de roubo que deu errado, o cara que poderia levar aquilo como algo pessoal, a compensação.

- Você fodeu tudo – disse ele.
- Grande novidade. Acredite em mim, eu sei disso. Deveria ter colocado você nessa. Somos um time.
- Não mais – disse Bernie Rose.
- Bernie...
- Cala a boca, Nino.

Bernie Rose encheu outra taça, matando a garrafa. Nos velhos tempos, eles teriam encaixado uma vela no gargalo e a colocado sobre uma das mesas. Porra de romantismo.

– É assim que vai ser. Vou apagar esse cara, mas ele é problema *meu*. Você não tem nada a ver com isso. E uma vez que eu tenha terminado, vou dar o fora daqui. Este lugar só me traz lembranças ruins.

– Não é tão fácil assim ir embora, meu amigo. Você tem um vínculo.

Eles ficaram sentados sem se mexer, os olhos fixos. Passou algum tempo antes que Bernie Rose falasse.

– Não vou pedir a porra da sua permissão, Izzy. – O fato de ele ter utilizado o apelido de infância de Nino, algo que não fizera em todos aqueles anos, causou um efeito visível. – Você vai ter o seu dinheiro de volta. Contente-se com isso.

– Isso não tem nada a ver com dinheiro...

– ... isso tem a ver com princípio. Certo... Então você vai fazer o quê? Escrever cartas abertas para o *New York Times*? Despachar mais um de seus amadores?

– Eles não eram amadores.

– Eles são *todos* amadores hoje em dia. Todos eles. Cópias perfeitas do Junior, com suas porras de tatuagens e brinquinhos bonitinhos. Mas essa missão é sua. Faça o que tiver de ser feito.

– Eu sempre faço.

– Duas coisas.

– Estou contando.

– Você mandará gente atrás de mim, qualquer um que acha que tem algum poder manda gente atrás de mim, por isso deixe as portas das docas abertas para entregas regulares.

– Esse é o mesmo Bernie que um dia disse “Nunca faço ameaças”?

- Não foi uma ameaça. Nem isso é uma.
- O quê? – Os olhos de Nino encontraram os dele.
- Você não vai conseguir nenhum favor em nome dos velhos tempos. Olho no espelho e vejo alguém no banco de trás e o que vejo logo em seguida, uma vez que eu tenha cuidado de tudo isso, é você.
- Bernie, Bernie. Somos amigos.
- Não. Nós não somos.

* * *

O que fazer agora? Todas as vezes em que ele pensava que estava quase chegando lá, o mundo torcia o nariz e mudava os rumos dos acontecimentos para que se encaixassem em seus próprios trilhos, tornando-se novamente – e ainda mais – indecifráveis. O Piloto flagrou-se desejando ter alguma opinião de Manny Gilbert. Manny entendia logo de cara as coisas que os outros levavam semanas para decodificar. “Intuição”, ele dizia. “É tudo intuição, uma habilidade que eu tenho. Todo mundo acha que sou esperto, mas não sou. Algo em mim me faz realizar essas conexões.” O Piloto imaginava se Manny já havia partido para Nova York ou se, como sempre, seis ou sete vezes em todos esses anos, ele desistira da ideia.

O Homem do Vinho saiu para olhar o Expresso, sem ostentar nenhuma expressão no rosto, e voltou para dentro. Meia hora depois, flutuou porta afora mais uma vez e se acomodou em sua montaria. Um Lexus azul-celeste.

Capítulo Vinte e Sete

Bernie Rose e Isaiah Paolozzi cresceram no Brooklyn, no velho trecho italiano centralizado ao redor da rua Henry. Dos telhados onde Bernie passou uma boa parte de sua infância dava para ver a Estátua da Liberdade à esquerda e, à direita, a ponte que ligava dois distritos como se fosse um elástico de dinheiro esticado. Nos tempos de Bernie, aqueles mundos tornaram-se ainda menos distintos na medida em que os preços astronômicos dos aluguéis em Manhattan faziam com que os jovens fossem para o outro lado do rio, e os aluguéis no Brooklyn, que viviam numa gangorra, aumentavam em resposta à demanda. Manhattan, afinal de contas, ainda ficava a apenas alguns minutos de distância. Bastava pegar o trem F. Em Cobble Hill, Boerum Hill e Lower Park Slope, restaurantes chiques alimentavam os novos moradores, dissonando das lojas entulhadas de móveis usados e botecos infectos típicos da região.

Era uma parte da cidade em que histórias sobre a máfia circulavam como se fossem a última piada.

Uma das novas moradoras estava passeando com o cachorro, que fez cocô na calçada e ela, na pressa de se encontrar com o namorado, esqueceu de limpar. Infelizmente, a calçada ficava em frente à casa da mãe de um mafioso. Dias depois, a jovem voltava pelo outro lado do rio e encontrou o cachorro estripado em sua banheira.

Outro morador, circundando quarteirão após quarteirão em busca de um lugar para estacionar o carro, parou na única vaga aparentemente vazia. “Ei, você não pode estacionar aí. É uma vaga particular”, uma criança numa varanda gritou para ele. “Isso não existe”, o motorista teria retrucado. No dia seguinte, após caminhar por oito quarteirões na intenção de estacionar o carro do outro lado da rua, abrindo espaço para o caminhão da limpeza urbana e

evitando uma multa, descobriu que o veículo havia desaparecido. E nunca mais o viu.

Por volta de 1990, Nino ficou cheio. “Essa não é mais a minha cidade”, ele disse para Bernie. “O que você acha da Califórnia?” A Califórnia lhe parecia ótima. Não havia muito que Bernie pudesse fazer por ali; os negócios corriam por si mesmos. Já estava de saco mais do que cheio de velhos chamando-o por sobre suas mesas de dominó ou em restaurantes para reclamar, cansado da legião de primos, sobrinhos e sobrinhas que englobava a maior parte do Brooklyn. E ele já havia tomado expressos suficientes por toda uma vida. Na verdade, tomou sua última xícara no dia em que partiram. Nunca mais nem mesmo encostou na bebida.

Não demorou muito tempo para que Nino cortasse os laços. Vendeu o restaurante com seu papel de parede estampado de vermelho e garçonetes de cabelo comprido para um dos recém-chegados com planos de transformar o lugar num “sushi bar”. Passou as bancas de jornal e os quiosques de café para dois sobrinhos. O tio Lucius, instigado por sua esposa Louise, que queria vê-lo fora de casa de qualquer maneira, ficou com o bar.

Eles atravessaram o país no reluzente Cadillac cor de cereja que pertencia a Nino, parando umas duas vezes por dia em postos de gasolina frequentados por caminhoneiros, para comer hambúrgueres e bifês, virando-se o resto do tempo com salgadinhos, salsichas Viena, sardinhas. Antes disso, naquelas poucas ocasiões em que tiveram motivo para se aventurar na estrada, até mesmo Manhattan parecia um país estrangeiro. O Brooklyn era o mundo. Agora lá estavam eles, viajando pela América selvagem, percorrendo seu avesso.

– Inferno de país – disse Nino. – *Inferno* de país. Nada aqui é possível, absolutamente nada.

Bem, é isso aí. Você tinha família, conexões, dinheiro, claro que tinha. Uma pequena diferença entre essa e aquela máquina política que cuspiu todos aqueles Kennedys e mantinha os seguidores do prefeito Daley no gabinete. Ou aqueles que escoraram a República com Reagan e uma dupla de Bushes enquanto os pneus eram trocados.

– Apesar do que falam – eles estavam no Arizona quando Nino acrescentou –, parece mesmo que Deus se acorou por aqui, peidou e acendeu um fósforo.

Nino se infiltrou em seu novo mundo como se sempre houvesse estado ali, passando a comandar uma rede de pizzarias, concessões de lanchonetes em shopping centers, agenciamento de apostas, coação. Era como se eles nunca houvessem partido, Bernie pensou, a única diferença sendo que, quando ele olhava para fora, não via trilhos elevados nem anúncios de restaurantes pintados na lateral dos prédios. O que via era o céu azul e as palmeiras.

Bernie Rosie odiava tudo aquilo. Odiava a procissão de dias bonitos, odiava ter que abrir mão das estações do ano e da chuva, odiava as ruas engarrafadas e as autoestradas, odiava todas aquelas assim chamadas comunidades, Bel Air, Brentwood, Santa Monica, insistindo em sua independência, mesmo quando drenavam os recursos de Los Angeles.

Ele nunca pensara em si mesmo como uma pessoa política, mas eia!

A coisa era que a mudança o tornara um homem mais gentil. Ele saiu de um coletivo para uma parceria ou alguma sociedade pela qual algum idiota pagou dois milhões e essa gentileza o acompanhou. Ele tentava entender, tentava se colocar no lugar dos outros. “Você está ficando mais suave, garoto”, disse o tio Ivan, a única pessoa no Leste com quem ele ainda mantinha contato. Mas aquilo não era verdade. Ele estava apenas vendo como algumas pessoas nunca tinham a menor chance e nunca teriam.

No China Belle, bem quando já estava em sua terceira xícara de chá verde, ao mordiscar as pontas de um rolinho primavera quente demais para ser comida, Bernie ficou pensando no cara que estava no calço de Nino.

– Tudo bem, sr. Rosie? – perguntou sua garçonne preferida, Mai June. (“Meu pai tinha pouca coisa além de seu senso de humor, algo de que se orgulhava muito”, ela dissera a Bernie quando ele lhe perguntou a respeito de seu nome.) Como tudo o que ela dizia, até mesmo quando era algo tão fático quanto uma afirmação, com seus tons ritmados e crescentes, soava como um poema ou o trecho de

uma música. Ele assegurou que a comida estava exemplar como sempre. Momentos depois, Mai June trouxe a entrada. Camarões de cinco sabores.

Ok. Então siga em frente.

Naquele País das Maravilhas, Nino começou a se ver como a porra de um produtor, não mais apenas um bom cara da manutenção (e ele fora o melhor), mas o cara que dava as ordens. Aquela ambição injustificada estava na própria água, no ar e naquele sol esmagador. Como um vírus, ela entrava em você e não ia embora, o cão do Sonho Americano se tornando um lobo selvagem. Então Nino estabeleceu seu poderio, ou mais provavelmente o poder se impingiu dentro dele, e começou a terceirizar os trabalhos, contratando gente da pior categoria. O diretor reuniu a equipe, um pacote. Trouxe o piloto.

Não devia ser tão difícil seguir aquelas pegadas. Não que ele soubesse assim logo de cara para quem devesse ligar, mas não seria problema conseguir os números. Ele enfiaria na cabeça que ele próprio também era um homem de decisões, embora fosse claro que era um homem de decisões com um trabalho difícil esperando na pista de decolagem e, antes de levantar voo, ele precisava do melhor piloto que pudesse ter.

Mai June se materializou ao seu lado, preenchendo sua xícara de chá, perguntando se ele precisava de mais alguma coisa.

– Bravo camarão – disse ele. – Camarão heroico.

Abaixando a cabeça numa reverência, Mai June se retirou.

* * *

Enquanto Bernie Rosie mastigava rolinhos primavera e camarões de cinco sabores, o Piloto se aproximava do Lexus estacionado numa vaga em frente à loja ao lado. A coisa tinha um alarme interno que não fora ativado.

Uma patrulha da polícia passou por ali e diminuiu momentaneamente a velocidade. O Piloto se apoiou no capô como se aquele fosse o seu próprio carro e ouviu o estampido do rádio da viatura. A caminhonete se afastou.

O Piloto se ergueu e foi em direção à janela do Lexus.

O volante estava atravessado por uma trava, mas o Piloto não tinha a menor intenção de utilizar o carro e levou menos de um minuto para arrombar a porta. O interior era imaculado. Os assentos, limpos e vazios. Nada no chão. Um pequeno amontoado de lixo, copos, lenços e canetas esferográficas foram organizadamente colocados num saco de courino pendurado no painel.

Os documentos do veículo guardados no porta-luvas lhe deram o que queria.

Bernard Wolfe Rosenwald.

Residia numa daquelas ruas com nome de floresta em Culver City, provavelmente em algum conjunto de apartamentos com um portão de segurança daqueles bem vagabundos.

O Piloto prendeu um dos cupons da pizzaria no volante. Naquele, desenhou uma carinha feliz.

Capítulo Vinte e Oito

Os olhos dele se voltaram para cima, para os sacos de plástico com medicamentos pendurados em suportes sobre a cama, seis deles. Debaixo, uma bateria acionada por uma bomba. Elas precisavam ser substituídas a cada uma hora ou algo assim. O alarme de uma delas já havia começado a tocar.

– O que foi? Outra porra de visita?

O Piloto havia conversado com a enfermeira de plantão, que lhe dissera que ele não recebera outras visitas. Ela também o informou de que seu amigo estava morrendo.

O Doutor ergueu uma das mãos e apontou, tremendo, para os sacos de plástico.

– Veja só. Consegui o número mágico.

– Como assim?

– Na faculdade de medicina, a gente sempre dizia que quando uma pessoa conseguia seis tubos peitorais e seis sacos de medicamentos, está tudo acabado. Quando chega a esse ponto, você dançou, cara.

– Você vai ficar bem.

– Bem é uma cidade que não irei mais visitar.

– Há alguma pessoa para quem eu possa ligar? – o Piloto perguntou.

O Doutor fez movimentos como se escrevesse algo no ar. Havia uma prancheta sobre a mesa. O Piloto a passou para o doente.

– Este número é de Los Angeles, não é?

O Doutor assentiu.

– É da minha filha.

Numa bancada de telefones públicos localizada no lobby, o Piloto discou o número.

Obrigada por ligar. Sua ligação é muito importante para nós. Por favor, deixe seu recado.

Ele falou que estava ligando de Phoenix, que o pai dela estava seriamente doente. Deixou o número do hospital e seu próprio número.

Quando voltou, uma novela em espanhol estava passando na TV. Um jovem boa-pinta, sem camisa, lutava para sair de um pântano, arrancando sanguessugas das pernas bem torneadas.

– Ninguém atende – informou o Piloto. – Deixei recado.

– Ela não ligará.

– Talvez ligue.

– Por que ela faria isso?

– Porque é sua filha.

O Doutor balançou a cabeça.

– Como você me encontrou?

– Passei na sua casa. A Srta. Dickinson estava do lado de fora e correu para dentro assim que abri a porta. Vocês dois tinham uma rotina. Se ela estava lá, então você também deveria estar. Comecei a bater nas portas dos vizinhos, perguntando. Um garoto que mora do outro lado da rua me contou que os paramédicos tinham vindo e te levado.

– Você deu comida para a Srta. Dickinson?

– Dei.

– A puta adestra todo mundo direitinho.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer por você, Doutor?

Os olhos dele se voltaram para a janela. Ele balançou a cabeça.

– Imagino que isso possa ter alguma utilidade para você. – O Piloto lhe passou um frasco. – Vou tentar ligar para a sua filha novamente.

– Não há motivo para isso.

– Tudo bem se eu voltar para te ver?

O Doutor balançou o frasco para bebê-lo e então o abaixou.

– Também não haverá motivo para isso.

O Piloto já estava quase na porta quando o Doutor o chamou:

– Como está o braço?

– O braço ficou bom.

– Eu também era bom – disse o Doutor. – Eu também era.

Capítulo Vinte e Nove

Esse filho da puta estava começando a encher o saco.

Bernie Rose saiu do China Belle chupando os dentes. Largou o biscoito da sorte na caçamba de lixo. Mesmo que aquela porra tivesse a verdade bíblica, quem em sã consciência gostaria de saber?

Rasgando o cupom para tirá-lo do volante, fez uma bola com o papel e o mandou para o mesmo lugar que o biscoito da sorte.

Pizza. Certo.

Bernie dirigiu para casa, para Culver City, não muito longe dos antigos estúdios da MGM, agora Sony-Columbia. Jesus, que com uma mão envolvia um hambúrguer, levou dois dedos da outra mão à cabeça como uma saudação e então os dedos atingiram o botão para abrir o portão. Bernie fez um sinal de ok com o dedão em resposta, imaginando se Jesus sabia que seu cumprimento passava por um fac-símile de uma saudação escoteira.

Alguém colocara mais de uma dúzia de anúncios de pizzarias debaixo de sua porta. Pizza Hut, Mother's, Papa John's, Joe's Chicago Style, Pizza Inn, Rome Village, Hunky-Dory Quick Ital, The Pie Place. O filho da puta provavelmente foi enfiando esse lixo debaixo das portas por toda a vizinhança. Em cada um deles havia circulado a frase *Entrega grátis*.

Bernie encheu um copo com *scotch* e afundou no sofá de encosto elevado. Bem ali do lado havia uma cadeira pela qual ele pagara mais de cem dólares e que supostamente seria capaz de corrigir todos os problemas da coluna, mas ele não conseguia suportar aquela porra. A sensação era de estar sentado numa luva de beisebol. Por isso, apesar de já fazer quase um ano que a comprara, ela ainda cheirava a carro novo. Do cheiro, ele gostava.

De repente Bernie se sentiu cansado.

E o casal do apartamento ao lado estava mandando ver de novo. Ele se sentou e ficou ouvindo. Tomou outro *scotch* antes de bater na porta do 2-D.

– Que foi?

Lenny era um homem baixo, de rosto vermelho que continuaria ostentando uma gordurinha de bebê até o dia em que fosse para a vala.

– Bernie Rose, do apartamento ao lado.

– Eu sei, eu sei. O que tá pegando? Tô meio ocupado por aqui.

– Eu ouvi.

Seus olhos se alteraram. Ele tentou fechar a porta, mas Bernie ergueu um dos braços e agarrou o batente, o cotovelo reto contra a armação. O rosto do cara ficou ainda mais vermelho, tentando empurrar a porta para fechá-la, mas Bernie a deteve com facilidade. Os músculos de seus braços sobressaíam sob a pele como se fossem cabos.

Após um momento, Bernie conseguiu escancarar a porta.

– Que mer...

– Você está bem, Shonda? – Bernie perguntou.

Ela assentiu sem contemplá-lo nos olhos. Pelo menos a coisa não tinha chegado ao estágio físico daquela vez. Não ainda.

– Você não pode...

Bernie envolveu o pescoço do vizinho com uma mão.

– Sou um homem paciente, Lenny, não sou o tipo de cara que se mete no caminho dos outros. O que descobri é que todos nós temos nossa própria vida, não é? E o direito de ser deixados em paz. Então fiquei sentado por mais de um ano ouvindo o que acontece aqui e pensei: ei, ele é um ser humano, ele vai conseguir dar um jeito nessa situação. Você vai dar um jeito nisso, Lenny?

Bernie balançou o punho, fazendo com que o vizinho assentisse com a cabeça.

– Shonda é uma boa mulher. Você tem sorte de tê-la ao seu lado, por ela aturá-lo todo esse tempo. Você tem sorte por *eu* ter aturado você. A Shonda tem uma razão: ela te ama. Já eu, não tenho motivo nenhum.

Bem, *tudo* aquilo era uma estupidez, Bernie pensou enquanto voltava para seu próprio apartamento e se servia de mais uma dose de *scotch*.

Tudo estava tranquilo no apartamento ao lado. O sofá de encosto alto o recepcionou, como sempre fazia.

Ele havia deixado a TV ligada? Não se lembrava nem de ter ligado o aparelho, mas lá estava ela, mostrando um daqueles programas de julgamento que andavam na moda, Juiz Fulano ou Sicrano, os julgamentos reduzidos a caricaturas (os nova-iorquinos brutos e sarcásticos, os texanos com um sotaque tão carregado quanto o metrô na hora do *rush*), participantes igualmente estúpidos que pulavam de alegria com a possibilidade de ter sua idiotice veiculada em rede nacional, ou tão ignorantes que não tinham a menor ideia do que estavam fazendo.

Ainda assim havia outra coisa que deixava Bernie cansado.

Ele não sabia. Será que ele é que havia mudado ou o mundo é que mudara ao seu redor? Havia alguns dias em que ele mal o reconhecia. Como se houvesse sido largado por uma espaçonave e estivesse seguindo a maré, tentando se encaixar, fazendo a melhor imitação possível de alguém que pertencia a este planeta. Tudo se tornara tão barato, espalhafatoso e vazio... Ele havia comprado uma mesa três dias antes e tudo o que levava para casa fora um pedaço de compensado de pinho com vinte centímetros de diâmetro. Gastara 1.200 dólares numa cadeira na qual nem conseguia sentar-se.

Bernie conhecia seu quinhão de depressivos, caras que começavam a matutar sobre o que estavam fazendo e por que suas ações faziam alguma diferença. A maioria deles desaparecia em pouco tempo. Entravam em jornadas que lhes tomariam a vida inteira, eram abandonados e assassinados por pessoas que um dia acolheram, depreciados por suas próprias famílias. Bernie não pensava em si mesmo como um depressivo. Esse piloto com certeza estava longe de ser um.

Pizza. Ele odiava essa porra de pizza.

Mas, pensando bem, era curioso que todos aqueles anúncios de pizzarias estivessem debaixo de sua porta.

Capítulo Trinta

Quando o Piloto era criança, teve o mesmo sonho todas as noites pelo que pareceu ser um ano. Ele ficava de pé na lateral da casa com os dedos dos pés nos limites do batente da janela, onde o primeiro andar estava a uns dois metros e meio do chão, já que a casa fora construída numa montanha e tinha um urso lá embaixo esperando por ele. O urso tentava alcançá-lo escalando a parede pelo batente das janelas e, depois de um tempo, frustrado, pegava uma tulipa ou uma íris na floreira no pé da casa e a comia. E então voltava a se arrastar na direção do Piloto. Finalmente, o urso pegava outra tulipa, contemplava a flor, pensativo, e a oferecia ao Piloto, que sempre acordava quando estendia as mãos para apanhá-la.

Isso foi em Tucson, quando ele vivia com os Smiths. Seu melhor amigo era Herb Danziger. Herb era maníaco por carros, trabalhava com automóveis na garagem de casa e ganhava um bom dinheiro, chegando até mesmo a ultrapassar o salário que os pais ganhavam como guarda de segurança e auxiliar de enfermagem. Sempre havia um Ford 1948 ou um Chevy 1955 por ali com o capô aberto e as entranhas espalhadas numa lona no chão. Herb tinha um daqueles imensos manuais Chilton de manutenção de automóveis, mas o Piloto nunca o vira consultá-lo, nem uma única vez em todos aqueles anos.

A primeira e última briga em que o Piloto se meteu na nova escola aconteceu quando o valentão local o abordou no pátio e disse que ele não deveria andar com judeus. O Piloto sabia por alto que Herb era judeu, mas fazia uma ideia ainda menor do motivo pelo qual alguma pessoa poderia querer mal ao garoto apenas por isso. Esse valentão gostava de dar petelecos nas orelhas das pessoas com o dedo médio, enfiando o polegar no ouvido dos outros. Quando ele tentou daquela vez, o Piloto interceptou seu punho no meio do

caminho com uma das mãos, congelando o movimento, e estendeu a outra mão para, com todo o cuidado, quebrar o polegar do valentão.

A outra coisa que Herb fazia era organizar corridas de carro em uma pista no deserto entre Tucson e Phoenix, numa paisagem realmente estranha, habitada por redemoinhos de mais de três metros de altura, chollas que pareciam com algum tipo de planta submarina e imensos cactos saguaro com galhos que apontavam para o céu como os dedos das pessoas nas velhas pinturas religiosas, perfurados por buracos que abrigavam diversas gerações de pássaros. A pista fora construída por um grupo de jovens hispânicos que, segundo os boatos, controlavam o tráfico de *marijuana* em Nogales. Herb era um fora da lei, mas era bem-vindo devido a seus talentos de piloto e mecânico.

Nas poucas vezes em que o Piloto o acompanhou, Herb o mandou para a pista com carros nos quais ele havia acabado de trabalhar no intuito de observar sua performance. Mas, assim que tomou gosto pela coisa, o Piloto não conseguiu mais parar. Começou a acelerar os carros, conceder-lhes a liberdade que tanto desejavam, vendo o que podiam lhe dar. Logo se tornou claro que ele era um piloto nato. Herb parou de pilotar e passou a ficar no *pit* depois disso. Ele desmontava os carros e os juntava novamente, da mesma forma que se faz quando se quer ganhar músculos. Já o Piloto os trazia para o mundo.

Foi também na pista que o Piloto conheceu outro bom amigo, Jorge. Começando a descobrir a única coisa na qual ele seria bom, o Piloto ficou impressionado diante de alguém como Jorge, que parecia ser bom em tudo, sem ter de fazer o menor esforço. Ele tocava violão e acordeão num conjunto local, escrevia suas próprias canções, pilotava em competições, estava na lista de honra na escola, cantava solos no coral da igreja, trabalhava com jovens problemáticos no abrigo local. Se o garoto tinha alguma camiseta além daquela que usava para ir à igreja, o Piloto nunca a vira. Ele sempre usava uma daquelas camisetas caneladas que se vestiam antigamente debaixo das camisas, jeans pretos e botas rústicas de caubói confeccionadas com couro cinza. Jorge vivia em South

Tucson, numa casa caindo aos pedaços, toda remendada, com umas três ou quatro gerações de sua família e uma quantidade indeterminada de crianças. O Piloto ficava lá sentado, se empanturrando com tortillas caseiras, feijões refritos, burritos e caldo de porco com tomatillos, cercado por gente que tagarelava numa língua que não conseguia compreender. Mas ele era amigo de Jorge, de forma que sua família também lhe era querida, não havia dúvida quanto a isso. A velha *abuela* de Jorge era sempre a primeira a correr para a entrada suja da casa para cumprimentá-lo. Ela o acompanhava de braços dados como se estivessem passeando no calçadão de uma praia, tagarelando, empolgada, o tempo todo. Nos fundos, às vezes apareciam como que do nada homens bêbados com *guitarróns*, violões e bandolins, violinos, acordeões, trompetes e a tuba ocasional.

Foi lá que ele aprendeu sobre armas, também. Tarde da noite, os homens se reuniam e iam para o deserto praticar a mira, se bem que tanto *praticar* quanto *mirar* soavam como eufemismos. Bebericando quantidades homéricas de cerveja e garrafas de *scotch Buchanan's*, eles mandavam bala em qualquer coisa que avistassem. Porém, por mais que parecessem descuidados com o método, levavam os instrumentos muito a sério. Com eles o Piloto aprendeu como aquelas pequenas máquinas deviam ser respeitadas, como tinham de ser limpas e montadas, por que razão certas pistolas eram preferidas em detrimento de outras, suas peculiaridades e desvantagens. Alguns dos homens mais jovens estavam mais interessados em outras coisas, como facas, boxe e artes marciais. O Piloto, sempre um espectador que aprendia rápido, apreendeu algumas coisas deles assim como, anos depois, apreendeu algumas coisas de dublês e lutadores dos filmes em que trabalhou.

Capítulo Trinta e Um

Ele pegou Nino às seis da manhã de uma segunda-feira. A previsão do tempo dissera que a temperatura subiria até os agradáveis trinta graus, com nuvens moderadas vindas do leste, com quarenta por cento de chance de haver uma chuva leve durante a semana. De pijama e com um roupão listrado de tecido fino, Isaiah Paolozzi saiu pela porta da frente de sua casa de dois andares em estilo missionário em Brentwood. Pegou seu *L.A. Times* matinal na entrada de carros. Ligou os *sprinklers*. Não importava se cada erupção daqueles aparelhinhos deixasse outras pessoas sem água. Não havia outra maneira de transformar um deserto numa escultura de gramados verdejantes.

Não importava se a vida inteira de Nino se resumisse a roubar coisas dos outros.

Quando Nino se abaixou para pegar o jornal, o Piloto entrou no recuo atrás da porta da casa. Ele estava lá quando o homem se virou.

Olho no olho, nenhum dos dois piscou.

– Eu te conheço?

– Nos falamos uma vez – o Piloto respondeu.

– É? Sobre o que conversamos?

– Coisas que importam. Como quando um homem faz um trato, ele mantém sua palavra.

– Desculpe. Não me lembro de você.

– Que surpresa.

Com um buraco redondo perfeito no meio de seus olhos, Nino bambeou de encontro à porta parcialmente aberta, escancarando-a, abrindo caminho. As pernas permaneceram na varanda. Varizes que se assemelhavam a cobras azuis se destacavam. Um dos chinelos caiu. As unhas dos pés eram grossas como tábuas.

De algum lugar dentro da casa, um rádio transmitia informações sobre o trânsito daquela manhã.

O Piloto colocou a caixa com uma pizza de pepperoni grande, queijo duplo, sem anchovas, no peito de Nino.

A pizza cheirava bem.

O mesmo não podia ser dito de Nino.

Capítulo Trinta e Dois

Tudo era exatamente como ele se lembrava.

Há tantos lugares no mundo, ele pensou, todos esses bolsos da existência, onde nada muda. Piscinas formadas pelas marés vazantes.

Impressionante.

O sr. Smith, ele supôs, estava no trabalho e sua esposa em mais um de seus infundáveis encontros. Igreja, associação de pais da escola, projetos de caridade.

Ele estacionou em frente à casa.

Os vizinhos deveriam estar espiando pela janela, afastando as palhetas das persianas, imaginando o que alguém que dirigia um Stingray clássico poderia querer com os Smiths.

O que eles viram foi um jovem saindo do carro, dando a volta até o assento do passageiro para pegar uma caixa de transporte para gatos e uma maleta esportiva surrada. Ele deixou os dois volumes na varanda. Foi até a porta e, após um momento, abriu-a. Os vizinhos o observaram pegar a caixa com o gato e a bolsa e entrar. Quase imediatamente ele voltou para a entrada de carros. Pegou o Corvette e deu o fora.

Ele se lembrou de como era, todos sabendo da vida uns dos outros, todos os segredos escancarados, a maioria deles acreditando levar a única vida verdadeira e real, e todo o resto não passava de uma falsificação.

Junto com a caixa do gato e a sacola, ele deixou um bilhete:

O nome dela é Srta. Dickinson. Não posso dizer que pertencia a um amigo meu que acabou de morrer, pois os gatos não pertencem a ninguém, apesar de os dois terem atravessado o mesmo caminho difícil, lado a lado, por um longo tempo. Ela merece passar os últimos anos de sua vida com um pouco de segurança. Assim como

vocês. Por favor, tomem conta da Srta. Dickinson, assim como cuidaram de mim, e, por favor, aceitem este dinheiro com o mesmo espírito com o qual estou lhes oferecendo. Sempre me senti mal por ter levado o carro de vocês quando parti. Nunca duvidem do quanto admiro tudo que fizeram por mim.

Capítulo Trinta e Três

Não deve ter sido fácil para seu pai. O Piloto não se lembrava muito a respeito dele, mas, na verdade, mesmo quando se recordava de quando era criança, a aurora de seu mundo, já naquela época ele sabia que as coisas não estavam bem. Ela colocava na mesa ovos que esquecia de ferver, abria latas de espaguete e sardinha e misturava as duas, servia um prato de sanduíches de cebola com maionese. Durante um tempo, ela ficou obcecada pelos insetos. Sempre que encontrava um rastejando, cobria-o com um copo e o deixava morrer. Então (nas palavras de seu pai), ela “se casou” com uma aranha que teceu a teia num dos cantos do lavabo onde ela se retirava para passar delineador, base, blush e corretivo, formando a máscara sem a qual não seria capaz de se lançar no mundo. Ela pegava moscas com as mãos e as atirava na teia. À noite, vagava do lado de fora da casa em busca de grilos e mariposas que também entregava à aranha. A primeira coisa que ela fazia, a qualquer momento em que entrasse no apartamento, era ver se estava tudo bem com Fred. A aranha tinha até mesmo um nome.

Na maioria das vezes em que ela falava com o inseto, chamava-o apenas de menino. Precisa de alguma ajuda com o dever de casa, menino? Vestiu seu casaco, menino? Você vai gostar dessas latinhas de atum no almoço, não vai, menino? E bolachas?

Ela nunca teve os pés no chão, mas a cada dia ficava mais distante da sanidade, até que ele começou a pensar nela como uma *exceção*, alguém que não estava assim tão fora deste mundo, mas que simplesmente se desequilibrava um pouco.

Então houve aquela noite em que o velho vomitou sangue em seu próprio prato durante o jantar. A orelha também caiu ali dentro, como se fosse uma porção de bife. O sanduíche do Piloto, feito de

torradas recheadas com carne processada e geleia de maçã verde. Como sua mãe ajeitou cuidadosamente as facas de pão e de carne, alinhadas com perfeição, sem ter mais nenhum uso para elas.

Desculpe, filho.

Seria essa uma memória verdadeira? E, se fosse, por que teria demorado tanto para emergir? Poderia a mãe dele realmente ter dito aquilo? Falado com ele daquela forma?

Imaginação ou memória, deixe estar.

Por favor.

Provavelmente só tornei sua vida ainda mais complicada. Não era o que eu desejava... As coisas ficaram confusas.

– Ficarei bem. O que vai acontecer com você, mãe?

Nada que já não tenha acontecido. Quando chegar a hora, você vai entender.

Imaginação. Ele tinha certeza quase absoluta quanto a isso.

Mas, então, ele se flagrou querendo dizer-lhe quanto, mesmo depois de o tempo ter passado, ele *não* entendia.

Como ele nunca entenderia.

Enquanto isso, ele dirigia sua nova casa móvel para a mais recente de suas habitações presas à terra. Nome: Motel Blue Flamingo. Tarifas semanais, nada ao redor e uma generosa extensão de estacionamento, acesso imediato à maioria das estradas secundárias e às interestaduais.

Acomodando-se, ele despejou meio palmo de Buchanan's num copo. Havia os sons do tráfego e das TVs dos quartos próximos. Os giros, as batidas, o deslizar e a algazarra de skates podiam ser ouvidos vindos do estacionamento, aparentemente uma das atividades favoritas da garotada da vizinhança. A batida do tráfego ocasional ou do helicóptero da polícia que poderia estar passando ali por cima. Os canos estalavam nas paredes sempre que os hóspedes ao redor provocavam os chuveiros e vasos sanitários.

Ele atendeu o telefone no primeiro toque.

– Ouvi dizer que está terminado – disse uma voz do outro lado da linha.

– Terminado na medida do possível.

– A família dele?

– Todos ainda dormiam.

– É. Bem, o Nino nunca dormiu muito. Eu sempre lhe dizia que era a consciência tamborilando seus dedos magros na mente dele. E ele insistia que não tinha consciência nenhuma.

Um momento de silêncio.

– Você não perguntou como eu soube onde você está.

– Fita adesiva debaixo da porta. Você pode retirá-la, mas ela não vai mais colar com a mesma facilidade.

– Então você sabia que eu ligaria.

– Mais cedo do que tarde, eu presumi, dadas as circunstâncias.

– Não somos um tanto patéticos, nós dois? Toda essa tecnologia avançada oferecida aos montes por aí e nós ainda confiamos numa fita adesiva.

– Uma ferramenta como qualquer outra, contanto que cumpra sua função.

– É, sei alguma coisa sobre isso. Eu mesmo sempre a utilizei como ferramenta. Durante toda a minha vida.

O Piloto não disse nada.

– Que se foda. Seu trabalho está feito, certo? Nino está morto. O que mais restou no prato? Você vê alguma razão para que isso continue?

– Não precisa continuar.

– Tem planos para esta noite?

– Nada que não possa ignorar.

– Tudo bem. Olha só o que eu estava pensando. Nos encontramos, tomamos uns drinques, talvez até jantemos depois.

– Podemos fazer isso, claro.

– Você conhece o Warszawa? É um lugar polonês na esquina do Boulevard Santa Monica com o Lincoln.

Uma das ruas mais horríveis numa cidade de muitas, muitas ruas horríveis.

– Posso encontrar.

– A não ser que você insista em comer pizza.

– Engraçadinho.

– É. Na verdade, foi bem engraçado mesmo. Todos aqueles cupons. O lugar, Warszawa, você anotou o endereço, não é? O

estacionamento é compartilhado com uma loja de carpetes, mas não há problema, tem bastante espaço. Lá a que horas? Sete? Oito? O que fica melhor para você?

– Sete está bom.

– É um lugar pequeno. Não há bar nem nenhum lugar onde você possa esperar. Vou entrar e pegar uma mesa para a gente.

– Soa bem.

– Nos vemos lá, então.

Colocando o telefone no gancho, o Piloto derramou mais alguns dedos de Buchanan's no copo. Já era quase meio-dia, ele calculou, a maioria dos bons cidadãos da cidade estava se coçando para receber alforria do trabalho e de suas tarefas para almoçar ou ir a algum parque minúsculo em algum lugar. Ligar para casa, ver como as crianças estão, fazer uma aposta com o *bookmaker*, marcar um encontro com a amante. O motel estava deserto. Quando a camareira bateu na porta, ele disse que estava bem, não precisava dos serviços dela naquele dia.

Ele estava se lembrando de uma época não muito depois de ter chegado a Los Angeles. Muitas semanas lutando para ficar fora das ruas, para ficar longe do caminho nocivo e do caminho dos espertalhões, aproveitadores e tiras, lutando para permanecer vivo, continuar na superfície. Tudo era ansiedade. Onde ele moraria? Como se sustentaria? E se as autoridades do Arizona aparecessem de repente para levá-lo de volta? Ele vivia, dormia e comia no Galaxie, o olhar se alternando da rua para os telhados e janelas próximos, voltando para a rua, para o espelho retrovisor, para as sombras no fundo do beco.

E então uma imensa paz tomou conta dele.

Ele abriu os olhos um dia e lá estava a coisa, esperando-o, miraculosa. Um balão em seu coração. Ele tomou sua dose dupla de café usual na loja de conveniência barata das redondezas, se pôs de cócoras apoiado numa parede baixa diante de cantos tomados por embalagens de comida e sacolas de plástico, e percebeu que estava ali parado por quase uma hora sem pensar nem uma única vez a respeito de... bem, a respeito de nada.

É isso que as pessoas querem dizer quando usam a palavra graça.

Aquele momento, aquela manhã, retornava, vívida, à sua mente sempre que ele pensava nela. Mas logo a suspeita se instalou. Ele entendia muito bem que a vida, de acordo com qualquer definição, é preocupação, movimento, agitação. O que quer que vá contra ou negue isso não pode ser vida, tem de ser alguma coisa mais. Será que ele fora pego em alguma variação daquele não mundo abstrato e subatmosférico no qual a vida de sua mãe fora colocada em banho-maria sem que ninguém percebesse? Felizmente foi mais ou menos nessa época que ele conheceu Manny Gilden.

E então, de uma cabine telefônica do lado de fora da mesma loja de conveniências barata, de maneira idêntica à que fizera naquela noite havia tanto tempo, ele ligou para Manny. Meia hora depois, eles estavam caminhando junto ao mar, acompanhando a rodovia de Santa Monica, a um pulo de distância do Warszawa.

– De volta ao lugar onde nos conhecemos – disse o Piloto. – E eu não passava de um garoto...

– Tem-se olhado no espelho ultimamente? Você ainda é a porra de uma criança.

– ...eu te contei como estava em paz, como isso me assustou. Você se lembra?

Um museu da cultura norte-americana em miniatura, uma cápsula do tempo finalmente aberta – embalagens de hambúrgueres e tacos, latas de refrigerante e cerveja, camisinhas amarradas com um nó, páginas de revista, pedaços de tecido – lambiam a praia a cada golpe das ondas.

– Eu me lembro. O que você descobrirá é que apenas os sortudos são capazes de esquecer.

– Soa pesado.

– É uma das falas de um script em que estou trabalhando.

Eles se mantiveram calados por um tempo. Andaram pela praia, toda essa outra vida pública, tumultuada, que eles nunca conheceriam e da qual nunca tomariam parte, circundando-os. Skatistas, homens musculosos e mímicos, exércitos de jovens despreocupados, variavelmente com piercings e tatuados, mulheres bonitas. O mais novo projeto de Manny era sobre o Holocausto e ele estava pensando em Paul Celan: *Esta era a terra dentro deles, e eles*

cavaram. Aquelas pessoas pareciam ter, de alguma forma, cavado livremente.

– Eu te contei minha história sobre Borges e Dom Quixote – ele disse para o Piloto. – Borges está escrevendo sobre o grande senso de aventura do Dom cavando para salvar o mundo...

– Mesmo que o mundo se resume a apenas alguns moinhos de vento.

– ... e alguns porcos.

– E, então, ele diz: “O mundo, infelizmente, é real. Eu, infelizmente, sou Borges”.

Eles voltaram o caminho inteiro, chegando ao estacionamento. Manny foi na direção de um Porsche verde-floresta e o destrancou.

– Você tem um Porsche? – o Piloto perguntou. Jesus Cristo, ele nem mesmo achava que Manny dirigia. A maneira como ele vivia, o jeito como se vestia. Perguntando se o Piloto podia levá-lo a Nova York.

– Por que você me ligou, garoto? O que queria de mim?

– A companhia de um amigo, creio eu.

– Sempre um truque barato.

– E lhe dizer que...

– Que você é Borges. – Manny riu. – É claro que você é, seu merdinha imbecil. Essa é exatamente a questão.

– Sim. Mas, agora, eu entendo.

Capítulo Trinta e Quatro

Os negócios da loja de carpete estavam indo de vento em popa.

Não que o Warszawa estivesse exatamente indo mal das pernas.

Era uma casa térrea típica da década de vinte, provavelmente um modelo Craftsman, os cômodos se abrindo uns para os outros sem a existência de corredores. Pisos de madeira de lei e grandes janelas de tombar. Três cômodos haviam sido transformados em salas de refeição. A maior delas era dividida por uma parede baixa. Na seguinte, portas francesas se abriam para um caminho de tijolos cercado por glórias-da-manhã. Na terceira, a menor delas, uma família realizava uma festa. Pessoas de aparência antiquada não paravam de chegar carregando pilhas de caixas embrulhadas.

Terno escuro, camisa cinza com os punhos abotoados mais acima nos braços, sem gravata.

– Quer uma taça para dar início aos trabalhos? – perguntou Rose quando eles sentaram. – Ou prefere o seu *scotch* de sempre?

– Vinho está bom.

– Na verdade, vinho é bom mesmo. É impressionante o que encontramos por aí hoje em dia. Chilenos, australianos. Este aqui é de um dos novos vinhedos do Noroeste.

Bernie Rose serviu o vinho. Eles brindaram.

– Obrigado por ter vindo.

O Piloto assentiu. Uma senhora idosa, mas atraente, vestindo uma minissaia, joias de prata, sem meia-calça, surgiu da cozinha e começou a passar de mesa em mesa. A melodia da língua espanhola escapou levemente da porta atrás dela. O Piloto ainda a escutava mesmo depois de seu acompanhante ter partido.

– A dona – informou Bernie Rose. – Nunca soube o nome dela, apesar de vir aqui há quase vinte anos. Talvez ela não fique *tão bem* nessas roupas como naquela época, mas...

O que ela aparentava, o Piloto pensou, era ser alguém completamente confortável com ela mesma, uma qualidade bem incomum em qualquer lugar, e alguém tão notável num lugar tão ligado à moda e que se autorreinventava com tanta rapidez quanto Los Angeles parecia ser de fato uma subversão.

– Recomendo o pato. Que inferno! Eu poderia recomendar tudo. O ensopado de salsicha caseira, com repolho vermelho, cebolas e bife. *Pierogi*, repolho recheado, bife rolê, panquecas de batata. E o melhor *borshtch* da cidade, servido frio quando está quente lá fora e quente quando chega o frio. Mesmo assim, o pato é de matar.

– Pato – pediu Bernie Rose quando uma garçonete, Valerie, com idade para ser universitária e com veias varicosas, aproximou-se da mesa – e outro deste.

– A combinação de Cabernet-Merlot, certo?

– Isso mesmo.

– Pato – o Piloto repetiu. Será que já havia comido pato antes?

Mais pessoas quadradas com caixas de presente igualmente quadradas chegavam para ser recepcionadas até a terceira sala. Como estavam conseguindo abrigar todos eles? A proprietária se aproximou da mesa da dupla com sua minissaia preta para desejar que tivessem uma boa refeição e para pedir, por favor, que lhe informassem pessoalmente se houvesse mais alguma coisa de que precisavam, qualquer coisa que ela pudesse fazer por eles.

Bernie Rose encheu as taças.

– Você se meteu numa confusão, garoto – disse ele. – Abriram uma boceta no seu braço.

– Eu nunca pedi nada disso.

– Em geral nunca pedimos. Mas a coisa cai sobre a nossa cabeça sem nos darmos conta. O que importa é o que você faz com isso. – Olhando para os outros reservados, ele deu um gole no vinho. – A vida deles é um mistério para mim, você sabe. Absolutamente impenetrável.

O Piloto assentiu.

– Izzy e eu andávamos juntos desde antes do que sou capaz de me lembrar. Crescemos juntos.

– Sinto muito.

– Não sinta.

Ao provar o pato, ele não sentia.

Eles devoraram a comida, dando goles nas canecas congeladas de chá salpicado com limão que Valerie colocara ao lado dos pratos.

– E então, para onde você vai agora? – quis saber Bernie Rose.

– É difícil dizer. Talvez volte para a minha antiga vida. Se é que não pus fogo em pontes suficientes para impedir isso. E você?

Ele deu de ombros.

– Estou pensando em voltar para o Leste. De qualquer forma, nunca gostei muito daqui.

– Um amigo meu diz que a história dos Estados Unidos é toda composta por expansão de fronteiras. Do começo ao fim, o que fizemos aqui nesta ponta do nosso território, não deixamos mais nada, os vermes começaram a comer a própria cauda.

– Em vez disso, eles deveriam comer pato.

Mesmo contra a vontade, o Piloto riu.

Secando a segunda garrafa de Cabernet-Merlot e devorando um segundo turno da vasta refeição, a vida comum tomou conta da conversa, como se por um momento eles tivessem aterrissado numa ilha em que podiam fingir fazer parte do que acontecia ali.

– Acha que escolhemos nossa vida? – perguntou Bernie Rose enquanto tomavam o café com conhaque.

– Não, mas também não acho que a vida nos seja empurrada goela abaixo. O que me parece é que ela está sempre se infiltrando debaixo de seus sapatos.

Bernie Rose assentiu.

– Na primeira vez em que ouvi falarem de você, o que diziam é que você dirigia, que isso era tudo que fazia.

– Era verdade na época. Os tempos mudam.

– Mesmo que nós não mudemos.

Valerie trouxe a conta, que Bernie Rose insistiu em pagar. Eles andaram pelo estacionamento. As estrelas brilhavam no céu. A loja de carpetes estava fechando, famílias se enfiavam numa frota de caminhões detonados, Chevys decrépitos, imitações de Hondas.

– Onde está seu carro?

– Ali – respondeu o Piloto. Bem nos limites do estacionamento, semiescondido por uma área cercada que servia como depósito de lixo. É claro. – Então você não acredita que as pessoas mudem.

– Mudar? Não. O que fazemos é nos adaptar. Ir levando. Quando você tem dez, doze anos, há muito peso sobre os seus ombros, como você vai ser, como a vida será. *Esse é o seu carro?*

Um Datsun da década de noventa, já muito detonado e desprovido de diversas peças, como para-choques e maçanetas, com áreas manchadas na lataria devido ao uso de tinta automotiva e Durepox.

– Eu sei, não parece grande coisa. Mas combina com a gente, que também não somos lá tudo isso. Tenho um amigo especializado em reformar essas coisas. Bons carros para se começar. Quando ele termina o serviço, os carros estão gritando de lindos.

– Outro piloto?

– Costumava ser, até que teve ambos os quadris estilhaçados em uma batida. Foi aí que ele começou a desmontar os carros para reconstruí-los.

Naquele momento, o estacionamento já estava vazio.

Bernie Rose estendeu a mão.

– Acho que não vamos nos ver novamente. Cuide-se, garoto.

Quando esticou o braço para o aperto de mãos, o Piloto viu a faca. Na verdade, captou um lampejo da luz da lua na lâmina – quando Bernie Rose a tirou do bolso num arco baixo, com a mão esquerda.

Ele deu uma joelhada no braço de Bernie Rose, pegou sua cintura quando esta se voltou para ele e afundou a faca em sua garganta. O golpe foi um tanto central, longe das carótidas e outras veias maiores, de forma que levou algum tempo, embora tenha atingido a faringe e rompido a traqueia, através da qual os últimos suspiros de Bernie Rose saíram como um assovio. E, aí, não demorou muito.

Olhando para os olhos de Bernie Rose, que se fechavam, ele pensou: é isso que as pessoas querem dizer quando usam a palavra graça.

Ele dirigiu todo o caminho até o píer, colocou o corpo de Bernie Rose na beirada da água e o soltou. Da água viemos. Para a água retornaremos. A maré estava crescendo. Ela ergueu o corpo e

carregou-o com toda a gentileza. As luzes da cidade pontilhavam a água.

Em seguida, o Piloto se sentou, sentindo o rugido e a pulsação do Datsun ao redor dele.

Ele dirigiu. Era o que fazia. O que sempre fazia.

Soltando a embreagem, ele saiu do estacionamento na praia e tomou a rua, entrando novamente no mundo em sua última fronteira; o motor rugia debaixo dele, a lua amarela lá em cima, centenas e mais centenas de quilômetros para cruzar.

Aquele estava longe de ser o fim para o Piloto. Nos anos vindouros, anos antes de ele ser abatido às três da manhã numa madrugada fresca e clara num bar em Tijuana, anos antes de Manny Gilden transformar sua vida num filme, haveria outras mortes, outros corpos.

Bernie Rose foi o único cuja morte ele um dia lamentou.

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para Ed McBain, Donald Westlake e Larry Block](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezessete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)